

AGORA

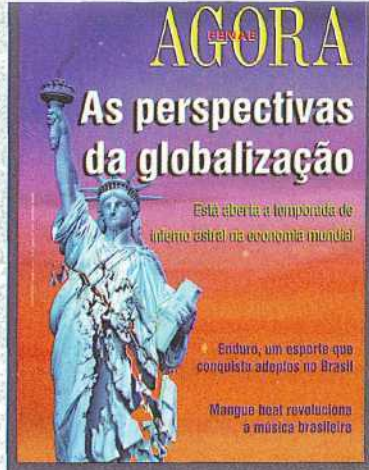
FENAE

As perspectivas da globalização

Está aberta a temporada de
interno astral na economia mundial

Enduro, um esporte que
conquista adeptos no Brasil

Mangue beat revoluciona
a música brasileira



Capa:
Economia mundial vive
fase de inferno astral
Pág.8



A natureza exuberante da Chapada Diamantina
pág.33



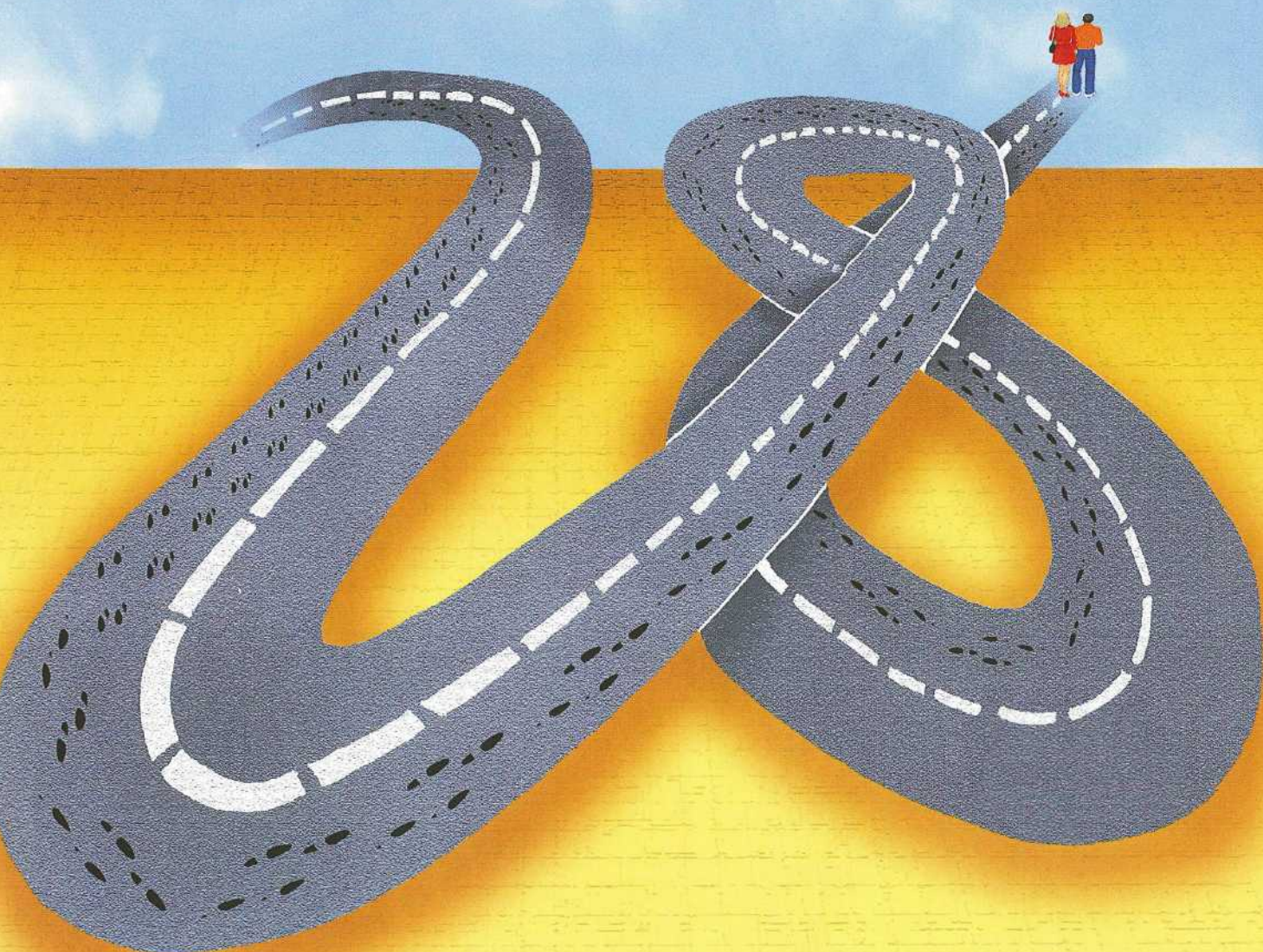
AGORA FENAE

- 5** O mito da Atlântida está na coluna Navegantes
- 7** Os "heróis da democracia"/-' segundo Janio de Freitas
- 18** Aloysio Biondi comenta sobre a crise da economia brasileira
- 19** MPs se tornam permanentes
- 26** Prestes: a história do maior ícone do comunismo no Brasil
- 27** Poeira, mato, velocidade. Assim é o enduro
- 30** Mangue beat: o ritmo musical criado no Recife
- 32** Tárik de Souza fala de um Brasil profundo
- 36** O caminho da energia renovável

O hábito popular da "siesta" está em desuso no território brasileiro
Pág. 22

FENAE

*Há 28 anos caminhando
para a cidadania*



Publicação da FENAE -

Federação Nacional das Associações

do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:

Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,

6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901

Telefone: (061) 323-7516

Fax: (061) 325-6057

Telex: (061) STM400 - Caixa Postal 33794

Homepage: www.fenae.org.br

E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br

(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

Diretoria Executiva

Presidente:

Carlos Caser

Vice-Presidente:

José Francisco Zimmermann

Diretor Financeiro:

Carlos Borges

Diretor de Relações no Trabalho:

João Alberto Garcia Moschkovich

Diretor Administrativo:

Admilson dos Santos Canuto

Diretor de Esportes:

Jorge Cruz Marçal

Diretor Cultural:

Emanoel Souza de Jesus

Suplente: José Durval Fernandes Reis

Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto

Jesus Rodrigues Alves

Cláudio Pimentel Corrêa

Suplentes

Danilo Aguilar Ferreira

Bernadete Santos de Aquino

Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos

Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida

Secretário: Fernando de Mello

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

Redação: Antônio José, Evandro Peixoto e

Marcio Sardi

Colaboradores: Janio de Freitas, Aloysio Biondi,

Tárik de Souza, José Trajano e Adacir Reis

Diagramação: Hélder Narde

Ilustração: Lisarb

Impressão: Bangraf

Tiragem desta edição (75 mil exemplares)

comprovada por Price Waterhouse,

cujas cartas-relatório encontra-se em nosso poder

Os artigos assinados são de

responsabilidade dos seus autores

Distribuição gratuita

A história não mente

Crise, recessão, desemprego, falência, *débâcle* total. Retraio do Brasil e/ou de um modelo imposto a ferro e fogo mundo afora?

Margareth Thatcher entrou para a história. Não como uma grande primeira-ministra que conduziu a Grã-Bretanha para o desenvolvimento econômico, mas como a aliada preferencial dos EUA para derrubar direitos dos trabalhadores e abrir mercados para o capital especulativo internacional.

O exemplo inglês, copiado pela ditadura de Pinochet, pela falsa democracia mexicana e por inúmeros outros países, está passando a fatura e jogando um bilhão de pessoas no desemprego. Isso já era esperado. Não é a primeira vez na história que o "laissezfaire" é imputado ao mundo e "faz água". Agora, como no

século XVIII, a liberalidade econômica arrasou Estados nacionais, levou inúmeras economias à falência e beneficiou apenas os grandes detentores de capital. Infelizmente, a maior parte da grande imprensa e dos analistas estão comprometidos apenas com o lucro. Falta coragem e o verdadeiro jornalismo para "ouvir o outro lado", publicar as milhares de vozes discordantes do modelo especulativo. A concordância com o poder dá razão, mais uma vez, a Nelson Rodrigues: toda unanimidade é burra.

Cabe aos trabalhadores e suas enti-

dades trazer à tona a verdade. E, de novo, a FENAE AGORA não se esconde: mostramos o cassino em que se transformou o mundo, a roleta em que perdemos a cada jogada e a incoerência do governo Fernando Henrique, empenhado não em combater a inflação como apregoa, mas sim em assegurar privilégios e lucros para a elite dominante.

Da mesma maneira que copiamos o que tem de pior mundo afora, perdemos hábitos extremamente salutaros. O exemplo em voga é a sesta, adotada em quase toda a América Latina, África e Oriente

Médio por conta do clima.

Aqui, esquecemos que o Brasil é um país tropical, que o calor "torra" entre meio-dia e 15 horas. Adotarmos o modelo norte-americano, a falta de tempo, o co?re-corre e jogamos em segundo plano a inteligência e

a saúde das pessoas.

Saúde, aliás, é uma conquista daqueles que aproveitam seus finais de semana e saem pilotando as trilhas mais exóticas do interior. São os praticantes do enduro, uma modalidade esportiva que, apesar de cara, ganha cada vez mais adeptos.

Existem aqueles, entretanto, que preferem caminhar e curtir a natureza. Para esses, a Chapada Diamantina oferece belas paisagens e passeios inesquecíveis. Ainda bem que, por mais que os maus governantes façam, o Brasil ainda é um dos melhores lugares do mundo. 

Crise, recessão,
desemprego:
eis o retrato
do Brasil



Açores = Atlântida?



Todos os campeões

Quer saber quem foi campeão paranaense em 1980? Um dos sites que traz a relação dos campeões em várias competições de futebol é www.terceirotempo.com.br, do radialista carioca Milton Neves. O endereço tem a lista quase completa dos vencedores dos campeonatos estaduais, Brasileiro, Copa do Brasil, Taça do Brasil, Rio-São Paulo, Libertadores, além das seleções campeãs olímpicas e mundiais. Quase todos, porque o site está atualizado apenas até o fim de 97.

A propósito, foram dois os campeões paranaenses naquele ano: Cascavel, em campo, e Colorado, declarado pela federação local.

O mito da Atlântida desperta curiosidade em todo o mundo, ainda hoje, mas os portugueses devotam atenção especial ao tema. Explica-se: Antônio de Frias Martins, em livro sobre o continente perdido, comenta a hipótese do arquipélago dos Açores ser o que sobrou da Atlântida.

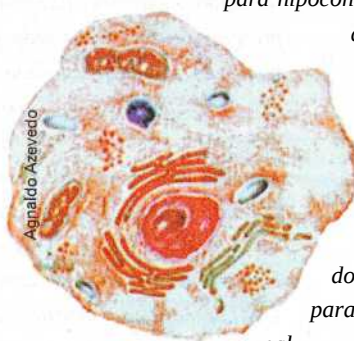
"Numa noite e num só dia", segundo Platão, no diálogo "Timeu", desapareceu Poseidôn ou Atlântis, "terra verdejante donde brotavam, lado a lado, nascentes de água quente e fria". Já Frias Martins comenta que a civilização seria de "guerreiros e naveg-

adores, valentes e sábios, detentores de segredos e de ciência que lhes deu o domínio sobre os outros povos".

Em "Princípio e fim da grande tragédia", Roselis von Sass calcula em 25 mil os títulos escritos sobre a Atlântida. Ela escreve sobre o que teriam sido os últimos 50 anos da civilização.

Digite 'Atlântida' em seus sites de busca para descobrir vários sites que tratam do continente perdido.

Ainda fatais



O site www.msantunes.com.br/juizo/molantig.htm não é recomendado para hipocondríacos. Fala sobre a situação de algumas doenças antigas, consideradas em extinção ou eliminadas até há pouco tempo. Através do endereço é possível saber, por exemplo, que as doenças infecciosas ainda são responsáveis por um terço de todas as mortes ocorridas no mundo durante esta década. A divulgação da existência dessas doenças, no entanto, é apenas pano de fundo para o site discorrer sobre os indícios do juízo final...

Sob encomenda

Eles arrancam suspiros dos mais velhos e encantamento dos demais. São os trovadores urbanos, que em oito anos de vida já visitaram mais de sete mil casas no Rio de Janeiro e São Paulo e, no show "Serenata", trazem as maiores canções de autores como Pixinguinha, Ary Barroso e Noel Rosa, entre outros. Quem quiser saber mais sobre o grupo que faz serenata a domicílio pode ir à página www.trovadoresurbanos.com.br.



Dos LEITORES

Satisfação

Tenho a grande satisfação de acusar o recebimento do sétimo número da **FENAE AGORA**, bem como informo que as edições anteriores chegaram regularmente em minhas mãos. É de justiça levarão conhecimento dos responsáveis pela edição da mencionada revista que todos os seus números, até agora editados, despertaram interesse pela atualidade dos assuntos inseridos em suas páginas, além da qualidade do material usado e riqueza da ilustração e impressão.

Trata-se de uma revista que se lê com prazer, mormente por todos quantos estão ligados à Caixa Econômica Federal, direta ou indiretamente, e à nossa vitoriosa **FUNCEF**.

Como aposentado da Caixa e associado da **FUNCEF**, recebo sempre com muito carinho as comunicações que dizem respeito aos citados órgãos, pois é muito importante conhecer a atuação de ambos, tanto na área financeira quanto na da previdência social.

Aos responsáveis pela caprichada composição da **FENAE AGORA**, minhas calorosas felicitações e os mais sinceros agradecimentos por sua remessa.

Expressando o desejo de continuar merecendo esse obséquio, formulo os melhores votos para que **FENAE AGORA** cresça cada vez mais em sua elevada missão de bem informar.

Geraldo Paz Vidal
Caraguatuba (SP)

Habitação

O leitor Paulo Ricardo Pinheiro enviou à redação da **FENAE AGORA** o texto "A ideologia da ordem". Divulgamos a seguir alguns trechos desse texto:

"No último dia 16 de agosto, o "Jornal do Brasil" anunciou que o vilão do rombo do Fundo de Compensação das Variações Salariais (FCVS) é o sistema price, que transforma numa bola de neve a dívida dos mutuários. Um sistema largamente utilizado nos Estados Unidos, é agora acusado de ser o responsável por nossas mazelas. Se fosse verdade, seria fácil resolver o nosso problema, bastando para isso eleger um outro sistema de amortização. Ora, a vantagem do sistema

price reside em que, respeitada a equivalência salarial, o mutuário consegue o seu orçamento, prevendo exatamente o que vai gastar pela aquisição da moradia.

...Por que o governo quebra a equivalência financeira, admitindo a correção mensal dos saldos devedores pela TR (taxa referencial), bem acima da correção salarial, taxa essa que representa uma média das remunerações dos CDBs (Certificados dos Depósitos Bancários)? Em nenhum momento, nos contratos imobiliários, está prevista expressamente a utilização simultânea de duas taxas de juros: uma fixa, contratual, que chega a 12% ao ano e a outra, flutuante e variável, a TR, que hoje atinge a 10% ao ano. O efeito combinado dessas taxas chega a 24% ao ano, muito além da inflação e dos salários.

...Contra essa usura absurda, a jurisprudência vem firmando entendimento no sentido de proibir a utilização da TR como indexador monetário. Existe sim uma expropriação de setores assalariados pelo setor financeiro, transformando bens reais como casas e apitamentos em ativos financeiros representativos de dívidas colossais e impagáveis. O rombo do FCVS, de R\$ 50 bilhões, se convertido em habitações, geraria mais de um milhão de novas moradias, dobrando o número de contratos da carteira da CEF, fora os efeitos diretos e indiretos do aumento do emprego. Mais grave ainda é que, ao lado dessa dívida colossal, temos os baixos salários e o desemprego, o outro lado perverso provocado pelos juros altos. As empresas retraem e se modernizam para manter suas taxas de lucratividade. A competição se acirra e anocha o trabalhador. A qualidade das habitações cai vertiginosamente, sem falar nos problemas de saneamento básico, educação e transporte, que afligem nossa população, junto com a insegurança pública (aumento da criminalidade) e a precariedade dos serviços de saúde.

...Não falta ao governo argumentos racionais e convincentes de que tudo vai acabar bem, "apesar de você", e que pior seria se tentássemos mudar. Na opinião do professor Fernando Pangloss Cardoso, "tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis", nada fora da ordem, nada fora da no-

va ordem mundial".

Paulo Ricardo Gadelha Pinheiro
Rio de Janeiro (RJ)

Colaboração

Sobre os 500 anos do Brasil, recebemos a seguinte colaboração de um leitor-funcionário da Caixa. Eis alguns trechos:

"Num dia de chuva, paramos no bar Cabanas para fugir da enchente. O mar invadiu as ruas do Rio. O Flamengo voltou às suas origens. Por lá passavam caravelas e barcos. Encontrei um Cabral de origem pernambucana. Logo depois entrou o

Ataíde

Astrogésio. No fundo do bar tinha dois índios tentando colocar um ovo em pé e todos riam daquela cena. Aquilo me chamou a atenção, eu disse a Cabral: isto é uma aventura. Apagaram-se as luzes da cidade e lá estava mais uma estaria. ...Acenderam-se as velas e daquele ovo pintaram histórias do mundo... Para felicidade geral dos agregados, o dono do bar era português. Surgiram estarias esplendorosas: brigaram espanhóis, holandeses e portugueses pelo direito do mar e do bar e os dois índios, inconformados, quebraram os ovos. ...Mais estarias aconteceram e os portugueses nos chamaram de bêbados. Histórias se fazem com fatos.

...Pobre Camões. Pessoa. Bocage. Castro Alves. Caminha. Isso só é ficção.

O Cabral, que é um poeta Brasil, às gargalhadas disse: 500 anos é pouco para entender histórias Brasilis. Juntos brindamos o Rio alagado. O do meio, o de baixo e o de cima. Isso é uma marmelada de ouro, de prata e de esmeraldas."

Adolfo Paulino
Rio de Janeiro/RJ

A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. **FENAE AGORA** se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).

Imprens@fene.org.br 

Heróis da democracia

■ Janio de Freitas

Um slogan muito apreciado por advogados e juizes, que em grande número os exibem nas janelas dos carros, lembra que "sem justiça não há democracia". É um axioma tão verdadeiro quanto a formulação inversa: "sem democracia não há justiça". Como o sentimento amplamente majoritário da população, apurado em incontáveis pesquisas, é de inexistência de justiça, conclui-se, pela mútua dependência de democracia e justiça, que no Brasil não há uma nem outra.

Em caso de dúvida, há mais um slogan à mão: "sem eleição não há democracia". Outra vez, a inversão na ordem dos termos se mostra verdadeira: sem democracia não há eleição. Óbvio? Nem tanto. No Brasil há processo eleitoral, mas não eleição, propriamente. Há partidos, candidatos, propaganda, eleitores, votação, apuração e posse. Mas o que define eleição está além daqueles componentes. É a preservação da plena liberdade de escolha do eleitor entre candidatos aos quais a lei assegure iguais possibilidades materiais de disputa.

No processo eleitoral brasileiro a liberdade está no outro lado. A limitação de recursos só existe para quem não tem dinheiro e não vende antecipadamente o seu desempenho no mandato. O voto é uma mercadoria, literalmente mercadoria, comercializa-



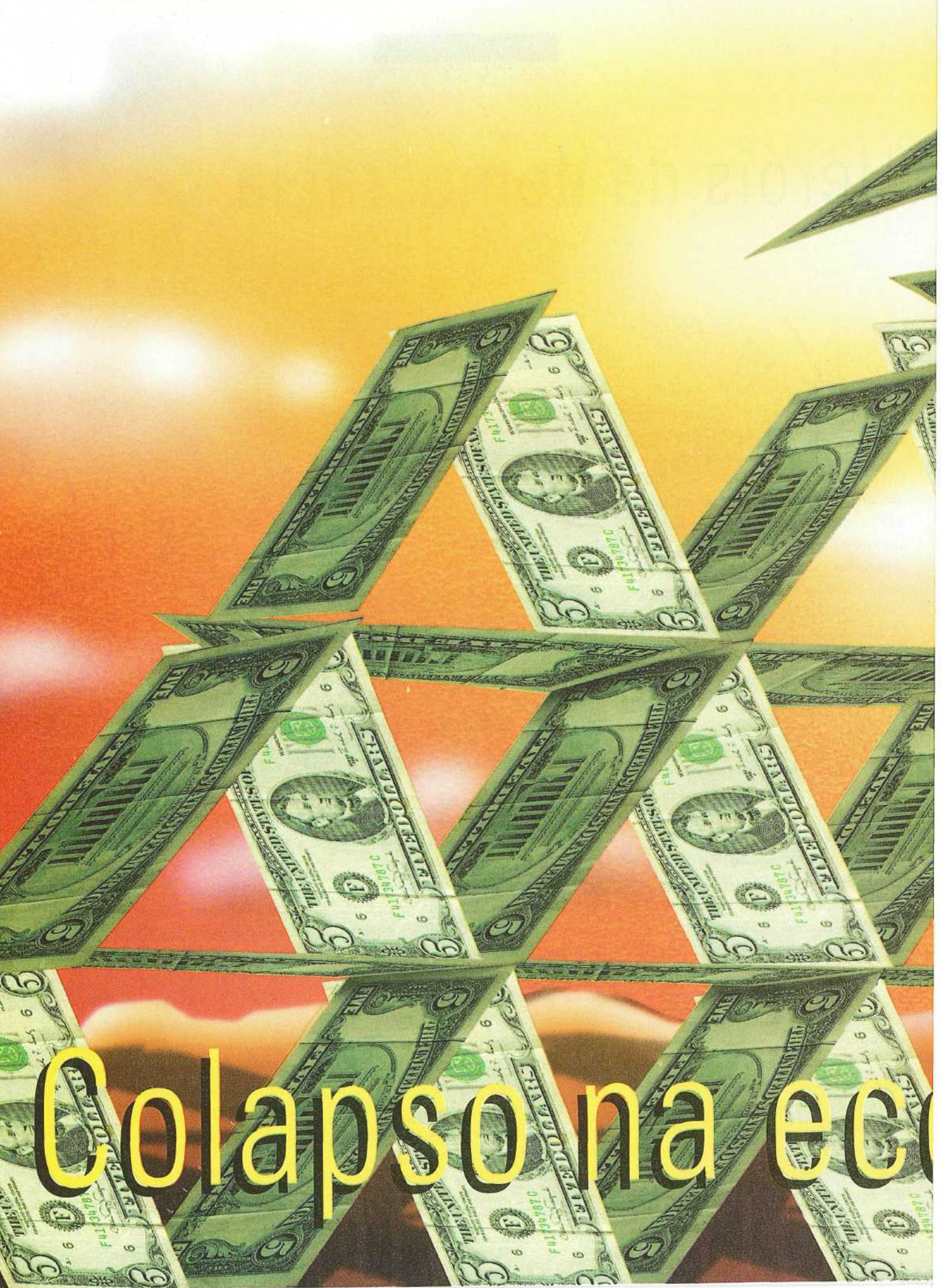
da em estabelecimentos que só fazem operações de venda no atacado, nunca no varejo, e se chamam de cabos eleitorais. Em relação ao processo eleitoral os meios de comunicação têm duas regras básicas. A primeira é oficiosismo, pela escolha dos candidatos a serem privilegiados - o que implica prejudicar deliberadamente todos os demais, sonhando-lhes igualdade de tratamento. A outra regra é o uso de todas as possibilidades de indução da "escolha" pelo leitor-eleitor.

Por mais independente que seja, o jornalismo sempre envolve avaliações, as quais, por sua vez, são mais favoráveis a uns do que a outros dos objetos avaliados, sejam eles fatos, idéias ou

pessoas. Mas se essas avaliações se apoiam em elementos comprováveis, então se constituem em jornalismo. São esses elementos, no entanto, que os meios de comunicação desprezam, assim se tornando contribuintes das deformações impeditivas de que o processo eleitoral brasileiro seja, de fato, eleição.

Para exercer a plena liberdade de escolha, o eleitor precisa transpor barreiras difíceis, erguidas exatamente para vencê-lo antes mesmo da tentativa. Os que conseguem mereceriam ser reconhecidos como heróis da democracia.

Janio de Freitas,
jornalista 



Colapso na eec

■ Antônio José Reis

A economia global navega cada vez mais por mares turbulentos, abrindo a temporada de um inferno astral de longa duração. O risco da economia mundial entrar numa corrida contra o tempo já não faz parte do passado, como se supunha alguns anos atrás. Já não se duvida que os atuais problemas do Brasil, onde o real se encontra sob violenta pressão, joguem lenha na fogueira e atinjam toda a América Latina (uma região ainda relativamente preservada dos efeitos da crise asiática e da moratória da Rússia).

Fica daí a certeza de que um processo de retração econômica avança mundo afora e passa a incomodar países como os Estados Unidos, com um mercado interno de 270 milhões de consumidores e com déficit comercial de US\$ 240 bilhões.

Há quem garanta que a aluui crise econômico-financeira mundial evidencia o fracasso da estratégia neoliberal, desenhada anos atrás no chamado "Consenso de Washington" (o receituário de medidas econômicas para os mercados de mais de 60 países na Ásia, África e América Latina, composto por privatizações de empresas estatais,

liberalização dos mercados de bens e capitais, desregulamentação acentuada da economia e radical redução do papel do Estado).

Este é o caso do sociólogo alemão Robert Kurz. Ele sustenta em artigo recente na "Folha de São Paulo" que o cenário apocalíptico provocado pela moratória da Rússia antecipa o destino da economia norte-americana. "De fato, ao contrário do México ou da Indonésia, o colapso russo não ficará limitado a estragos econômicos, mas causará abalos políticos e militares", vaticina. Seu argumento se baseia, entre outras complicações, no fato de que a Rússia possui cerca de 30 mil ogivas nucleares operacionais.

Kurz defende a tese de que a dominação mundial norte-americana, da qual o mundo já está farto, não

tem muito mais futuro, no limiar do ano 2000, do que o Império Otomano no final do século 19.

O assunto é polêmico, sem dúvida. Antônio Delfim Netto, economista e deputado federal pelo PPB de São Paulo, vê exagero na visão de que exista uma crise global do capitalismo ou coisa parecida, "embora os problemas de algumas áreas estejam interligados". Tampouco o parla-

Processo de
dur a recessão
está avançando
mundo afora



conomia global



e em xeque o liberalismo de mercado

no estilo da que ocorreu na década de 30, quando o "crash" da bolsa de valores norte-americana, em 1929, arrastou todo o mundo para uma crise econômica, se tornou maior desde que a Tailândia decidiu desvalorizar sua moeda, em julho do ano passado.

Pergunta Surge, então, a seguinte pergunta: qual a perspectiva de as economias mundiais experimentarem uma onda global de protecionismo, incluindo controles sobre o comércio e o fluxo de capital? Se positiva essa tendência, a mesma significaria uma correção de rumo mais profunda na economia. Isto já vem ocorrendo em países como a Malásia, que em setembro criou um sistema de controle de câmbio, limitando a possibilidade de se remeter divisas para fora do país.

No Brasil, Delfim Netto defende a adoção de uma política que imponha maiores restrições às importações. Segundo ele, o país só vai começar a sair da crise quando corrigir a política de câmbio e voltar a exportar. Diz ele: "Sem exportações vigorosas não há crescimento sustentado. E sem crescimento econômico (no mínimo, 6% do PIB ao ano) não há solução para nenhum dos nossos problemas, principalmente o maior deles, o desemprego".

Os sinais de protecionismo da economia estão vindo de várias partes do mundo. Por exemplo: a Argentina e o Chile começam a adotar mecanismos para barrar importações asiáticas, rebaixando a cotação de sua moeda para baratear seus produtos. Algo parecido aconteceu durante a Grande Depressão (1929-39), quando um período de retração mundial provocou problemas em praticamente a maioria dos países e favoreceu a ascensão de ditaduras fascistas, como a de Adolf Hitler (Alemanha) e a de Benito Mussolini (Itália), criando as condições para a Segunda Guerra Mundial.

Na época, o mundo passou por um processo de troca de modelo. Foi assim: até a década de 30, os países tinham economias abertas ao comércio internacional. Em 1944, buscando reorganizar o mapa da economia mundial, os países ricos criaram o chamado acordo Breton-

OIT denuncia desemprego de um bilhão de pessoas

Chega a um bilhão no mundo o número de trabalhadores desempregados ou subempregados, o que representa um terço da população economicamente ativa. Essa informação consta de relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado recentemente em Genebra (Suíça).

Segundo a OIT, o nível global de emprego está ruim e há a forte tendência de ficar cada vez pior. O levantamento aponta ainda que entre 25% e 30% dos trabalhadores do mundo (750 milhões a 900 milhões de pessoas) estão subempregados.

O relatório da OIT revela que dez milhões de pessoas perderam o emprego este ano por conta da crise da Ásia, uma região que hoje amarga um nível de desemprego sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial. Na Tailândia, a taxa de desemprego deve chegar este ano a 6%. Na Indonésia, o desemprego pode ficar entre 9% e 12%, e na Coreia atingiu 7%. Na China, país que poderá agravar a crise na Ásia se desvalorizar sua moeda, o desemprego deverá ficar entre 5% e 6%. O Japão está sendo pressionado a aumentar sua demanda, como forma de evitar recessão no continente.

No caso da América Latina, o quadro também é sombrio e a taxa de desemprego ficou em 7,4%. Os países da União Européia têm 18 milhões de desempregados, com desemprego médio de 10,2%. Na maioria dos países, os jovens são os mais atingidos pela crise econômica. Sessenta milhões de pessoas entre 15 e 24 anos vagam pelo mundo à procura de emprego.

1 O avanço econômico de país a país

País	1996	1997	1998
Mundo	3,0	3,2	3,0
Nações Desenvolvidas	2,4	2,6	2,5
Canadá	1,5	3,6	3,2
França	1,5	2,2	3,2
Alemanha	1,4	2,4	2,7
Itália	0,7	1,3	2,0
Japão	3,5	0,8	1,2
Reino Unido	2,4	3,5	2,5
Estados Unidos	2,4	3,7	2,5
União Européia	1,7	2,5	3,0
Economias em transição	-0,3	1,7	3,2
Europa Oriental	3,9	3,0	4,5
Balcãs	3,5	4,6	5,2
Ex-URSS	-1,9	-0,0	1,7
Rússia	-5,5	0,5	1,5
Nações em Desenvolvimento	5,7	5,7	5,0
África	4,4	3,1	4,0
América Latina	3,7	5,2	3,5
Ásia Oriental	4,8	5,9	4,7
Ásia Ocidental	6,6	5,2	4,0
Alguns Países em Desenvolvimento			
Argentina	4,4	7,8	4,5
Brasil	3,0	3,5	1,0
China	9,7	9,3	10,0
Hong Kong	4,8	5,5	4,0
Índia	6,4	5,8	6,2
Indonésia	7,8	6,0	3,2
Irã	5,0	3,5	2,2
Coreia do Sul	7,1	6,0	3,0
México	5,1	6,8	5,0
Arábia Saudita	4,0	2,4	1,5
África do Sul	3,1	2,0	3,0
Taiwan	5,6	6,0	5,2
Tailândia	6,4	-1,5	2,0
Turquia	7,0	6,0	5,0

% sobre ano anterior - Fonte: Reuters/ONU

mentar paulista acredita que a atual crise econômica mundial chegue a abalar os alicerces da economia norte-americana.

"A economia dos Estados Unidos atravessa uma de suas melhores fases de crescimento sustentado, com o equilíbrio interno representado pela virtual eliminação do déficit fiscal. O que pode acontecer é algum tipo de perda por parte dos fundos de pensão, refletindo os problemas dos mercados financeiros no exterior", completa Delfim Netto.

Oacic Polêmica à parte, o próprio presidente do Federal Reserve (o banco central americano), Alan Greenspan, sugeriu em palestra na Universidade da Califórnia, em Berkeley, no último dia quatro de setembro, não ser "crível que os EUA permaneçam como um oásis de prosperidade, não afetado por um mundo que experimenta grande e crescente estresse".

Talvez esteja aí o sinal de que, na era da globalização econômica, não existem mais ilhas de estabilidade. A instabilidade no mercado financeiro na Ásia, Rússia e na América Latina começa a afetar os lu-

ros das corporações americanas e europeias espalhadas pelos quatro cantos do mundo, num claro prenúncio de dura recessão depois de anos de vacas gordas.

Para tentar conter os efeitos da crise mundial sobre a economia norte-americana, o Federal Reserve reduziu semanas atrás as taxas de juros de curto prazo dos EUA de 5,5% para 5,25%. A medida, na verdade, tem o objetivo de estancar uma possível recessão mundial. O risco disso vir a acontecer a partir de 1999, embora real, continua indefinido. Economias de países ricos, como o Canadá e a Grã-Bretanha, se desaceleram a olhos vistos.

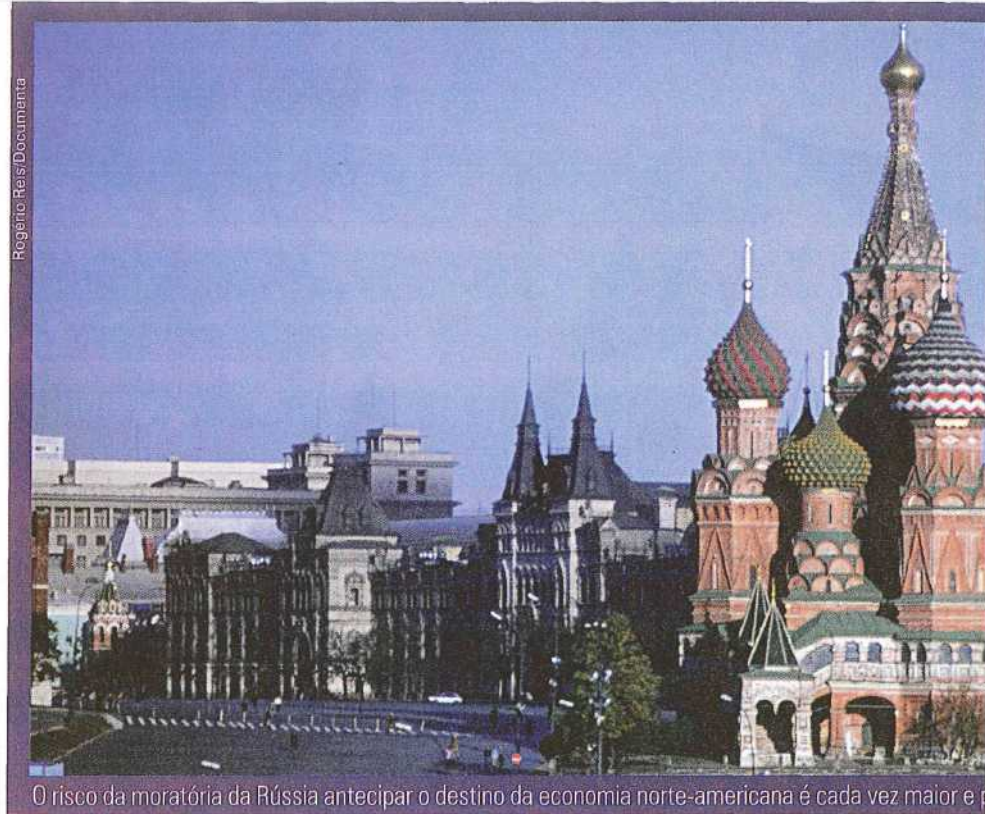
A revista inglesa "The Economist" informa que, nos últimos quatro meses, a maior parte das ações negociadas em bolsa nos EUA acumula perdas de quase US\$ 4 trilhões da riqueza financeira mundial. Essa montanha de dinheiro equivale ao PIB do Japão, país que se encontra com a economia em queda pelo quinto trimestre consecutivo.

Prevê-se, inclusive, que este ano a economia mundial deve fechar com um crescimento medíocre de apenas 1,5% contra uma média de 4% registrada nos anos anteriores. Se esse patamar de crescimento baixo se repetir em 1999, o mundo tende a experimentar as mesmas taxas do biênio 1981-82, quando a economia mundial teve seu pior desempenho desde os anos 30. Dados de organismos financeiros internacionais confirmam que cerca

de 25% de toda a economia mundial já está em processo avançado de recessão.

É certo que a atual turbulência no mercado financeiro internacional se traduza como a primeira crise de caráter global desde a Segunda Guerra Mundial. Tanto que, da Ásia à América Latina, quase todos os países estão sendo afetados por esse terremoto. Lideranças políticas e econômicas de várias partes do mundo receiam que eventos tidos como isolados, como a moratória russa, a estagnação da economia japonesa, a queda crescente na bolsa de valores dos EUA e a fuga maciça de capitais no Brasil, venham a fazer parte do fim de um ciclo econômico.

A preocupação de uma calamidade



O risco da moratória da Rússia antecipar o destino da economia norte-americana é cada vez maior e p

Não existem
mais, hoje, no
mundo ilhas
de estabilidade

FA



Crise global bate à porta dos países emergentes

Do México à Rússia, passando pelo sudeste asiático, a crônica de uma crise global mostra que a liberalização do mercado financeiro é um foco gerador de incertezas capazes de abalar os alicerces da economia.

Em novembro de 1994, mesmo dispondo de dinheiro do FMI e do governo dos EUA para recompor suas reservas cambiais esgotadas pela fuga do capital estrangeiro, o México viu a crise bater à sua porta e entrou numa recessão sem precedentes. O governo mexicano passou a executar um ajuste fiscal no qual empenhou o maior patrimônio do país: suas reservas petrolíferas.

Em agosto de 97, a crise chegou à Ásia. Com uma estrutura produtiva frágil, baseada numa liberalização financeira sem limites, os chamados tigres asiáticos deram sinais de perda de fôlego. Uma onda de inadimplência e falências, quebradeira de bancos e saída de investimentos estrangeiros desaceleraram as economias de países como a Malásia, Tailândia, Indonésia e Coreia, cujas moedas (indexadas ao dólar) foram sobrevalorizadas.

O colapso da Rússia ocorreu no fim de julho de 98. Sem condições de honrar o resgate de títulos públicos, o governo russo declarou moratória. Com isso o risco de contágio para toda a América Latina é cada vez maior. A queda das bolsas, a fuga de capitais, a recessão e o desemprego formam um quadro de perspectivas negativas para o futuro próximo de países tidos como emergentes, sobretudo o Brasil.

Woods, surgindo daí organizações de controle financeiro internacional como o FMI e o Banco Mundial, além de limitações para a livre circulação de moedas. A tarefa de converter moedas só era possível para quem se envolvesse em operações de exportação ou importação.

As regras estabelecidas pelo acordo Breton-Woods tiveram um período de queda nas décadas de 60 e 70, mas só com o fim da Guerra Fria foi que a abertura comercial e financeira indiscriminada alcançou seu apogeu. Com isso os EUA tornaram-se tão hegemônicos que chegaram a ser chamados de "pensamento único". Se a grave crise na economia

mundial é uma prova de que o liberalismo de mercado está sendo posto em xeque, ainda é cedo para dizer.

O economista Marcelo Terrazas, técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), subseção Afubesp, acha que - com a globalização - a tendência é de regionalização dos mercados. Seus argumentos: "A Europa está tentando formar um grande conglomerado de países desenvolvidos. O Japão, que vive uma crise, tenta montar um conglomerado de países do sul da Ásia, evidentemente com muitas dificuldades. À América do Sul cabe entrar num desses mercados. Já os

2 Projeção de crescimento econômico do FMI

	PIB %		INFLAÇÃO %	
	1997	1998	1997	1998
Estados Unidos	3,8	2,9	2,3	2,0
Japão	0,9	0,0	1,7	0,9
Alemanha	2,2	2,5	1,8	1,6
França	2,4	2,9	1,2	1,4
Itália	1,5	2,3	1,7	1,8
Reino Unido	3,3	2,3	2,8	2,9
Canadá	3,8	3,2	1,4	1,5
Espanha	3,4	3,4	2,0	2,1
Holanda	3,3	3,8	2,2	2,0
Bélgica	2,7	2,6	1,6	1,7
Suécia	1,9	3,0	0,9	2,0
Áustria	2,5	2,8	1,3	1,4
Dinamarca	3,0	2,7	2,2	2,6
Grécia	3,3	3,5	5,4	5,0
Portugal	3,5	3,7	2,2	2,1
Coreia do Sul	5,5	-0,8	4,5	10,5
Taiwan	6,9	5,0	1,1	4,0
Hong Kong	5,3	2,5	6,5	4,5
China	8,8	7,0	1,5	2,0
Índia	5,6	5,2	6,1	6,1
Indonésia	5,0	-5,0	6,6	44,3
Malásia	7,8	2,5	2,7	7,5
Filipinas	5,1	2,5	5,1	8,0
Tailândia	-0,4	-3,1	5,6	11,6
Vietnã	7,5	5,0	3,1	7,0
Argentina	8,4	5,5	0,8	0,3
Brasil	3,0	1,5	2,2	3,3
Chile	6,6	6,0	6,2	5,1
Colômbia	3,2	4,0	18,5	19,0
México	7,0	4,8	20,6	13,4
Peru	7,5	5,0	8,6	6,1
Uruguai	6,0	3,0	19,8	9,9
Venezuela	5,1	3,3	50,0	33,1

Fonte: Perspectivas da Economia Mundial - FMI (Fundo Monetário Internacional)



O combate à fome e pobreza no Brasil rima com a construção de uma estratégia de defesa da produção e do emprego

Estados Unidos, que criaram um mercado para si - incluindo o Canadá e o México, alimentam alguma preocupação com os mercados latino-americanos, que sempre foram a área de expansão da economia norte-americana."

Recessão É fato que em todas as crises ocorridas até então a economia mundial mergulhou em recessão. É isto o que acontecerá, necessariamente, com a atual crise financeira internacional? A diferença entre a crise que atinge o sudeste asiático, a Rússia e se alastra para a América Latina como um furacão violento e a da Grande Depressão, passando pelos dois choques do petróleo, no fim dos anos 70 e início dos 80, é que hoje ainda não há evidências realmente claras de uma recessão mundial.

Quando estourou a crise do petróleo, a taxa média de crescimento da economia mundial em 1975 era de 0,3%, desacelerando-se para -1,2% no ano seguinte. Em 1982 registra-se crescimento negativo de 0,3%, com taxa média da inflação

mundial atingindo o pico de 13,4%. Como os indicadores atuais são muito inferiores, mostrando um mundo virtualmente sem inflação, economistas como Carlos Langoni (ex-presidente do Banco Central e atual diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas) teorizam não ser muito grande o risco da economia mundial entrar em um processo longo de recessão. Langoni, em entrevista ao "Jornal do Brasil", atribui à crise atual um paradoxo entre o lado financeiro e o lado real da economia, acrescentando: "Os efeitos econômicos negativos apenas localizados são transmitidos aos mercados financeiro e acionário internacionais, independentemente do comportamento da economia real."

Mas para o ex-ministro Marcílio Marques Moreira, a crise de 98 tem pontos coincidentes com a da década de 80 (época em que a América Latina naufragou no turbilhão da dívida externa). A maior delas, de acordo com ele, é que se tratam de crises de financiamento para os países em desenvolvimento. À im-

prensa brasileira, Marcílio Moreira assegura que mudaram apenas os protagonistas, tendo em vista que na década de 80 os grandes bancos internacionais estavam inflados com as aplicações dos países árabes, intitulados "petrodólares", e emprestaram bastante dinheiro para a Argentina, Brasil e México. Na crise deste ano, diferentemente daquela do passado, o cassino financeiro é comandado por fundos de pensão, empresas transnacionais e fundos de ações.

Exemplar Os casos de alguns países da América Latina, tanto no passado quanto agora no presente, são exemplares. A primeira grande crise na região remonta ao período 1826-28, quando, com exceção do Brasil, os demais países declararam moratória. O choque sobre a economia latino-americana foi provocado pela crise bancária originária no mercado londrino (o centro financeiro da época), combinada com a profunda recessão européia. Por conta desse fato, a América Latina ficou quase três décadas sem acesso a crédito internacional.

Essa tormenta fez com que a região

Fundos de
pensão lideram
cassino
financeiro



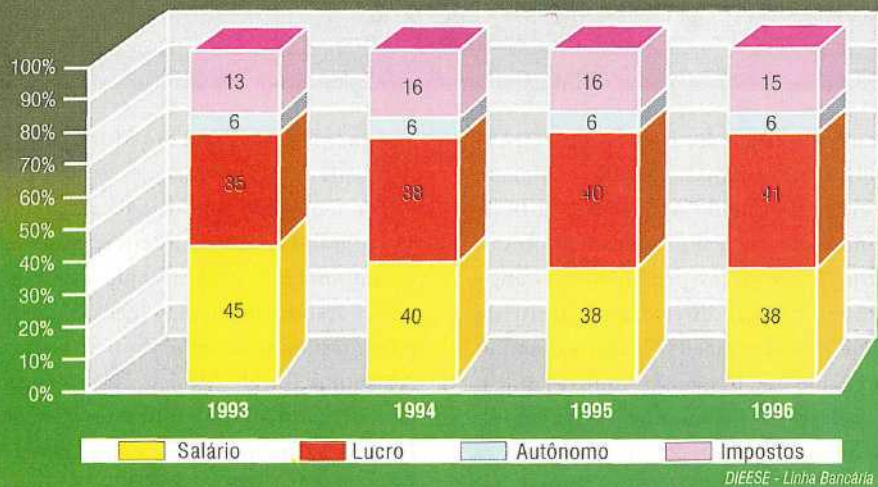
3 Endividamento maior

Evolução da dívida pública do Brasil (em R\$ bilhões)

	Dez. 1996	% do PIB	Out. 1997	% do PIB
Dívida total	269,19	34,4	292,45	34,4
Governo federal e BC	115,73	14,8	251,18	15,1
Governos estaduais e municipais	90,33	11,5	104,14	12,3
Empresas estatais	31,53	4	18,31	2,2
Dívida externa líquida	31,59	4	41,2	4,9

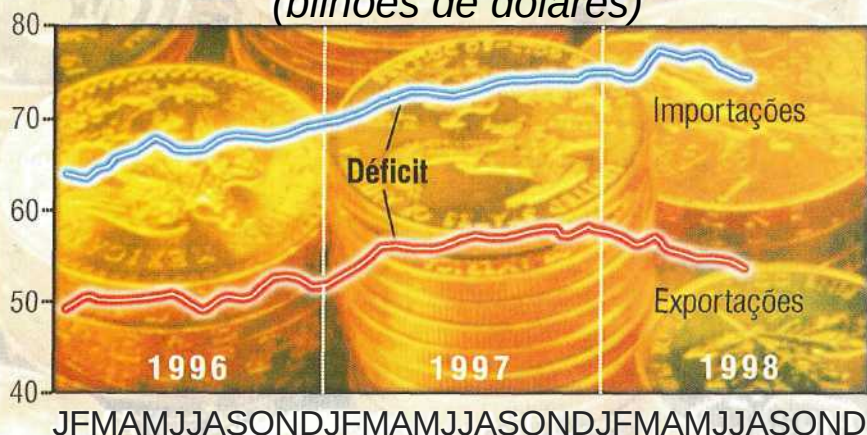
Fonte: Banco Central

4 Composição do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro



5 BALANÇA COMERCIAL DOS EUA

(bilhões de dólares)



voltasse a enfrentar nova turbulência em 1873, advinda da redução da cotação dos seus produtos primários. Entre as décadas de 50 e 70, os países latino-americanos experimentaram um rápido período de prosperidade, aproveitando-se do capital externo abundante para financiar seus déficits em conta corrente.

No caso do Brasil, nos inícios das décadas de 1980 e de 1990, duas grandes crises atormetaram o país por um tempo relativamente longo. Na época, o Brasil foi acompanhado por Argentina e México. Isso aconteceu porque os três países adotaram modelos semelhantes de desenvolvimento econômico. Nos anos 80, Brasil, Argentina e México jogaram peso no fechamento da economia e na política de substituição dos produtos importados.

Só que esse sistema não se manteve de pé e levou esses países à quebradeira em 1982. Agora, a tendência de uma nova fase recessiva persegue as economias dos três países cada vez com mais força, levando-se em conta a receita parecida adotada pelo trio: abertura de suas economias para o comércio e as finanças internacionais e combate à inflação supervalorizando o câmbio.

Situações como essa mostram que desde o século passado, quando os países do continente tornaram-se independentes, a história econômica da América Latina está repleta de crises cambiais. O que isso prova? Explica talvez que haja um perigo inerente nos câmbios fixos como instrumento de estabilização econômica, segundo tese defendida por Sebastián Edwards, ex-economista-chefe do Banco Mundial, no livro "Crise e reforma na América Latina".

A situação é séria. Em um cenário catastrófico, a crise começa a atingir a dimensão de um tufão mundial. Uma coisa é certa: quem mais sofre com a instabilidade do mercado financeiro internacional são os países que adotaram políticas temerárias de dependência acentuada de recursos externos, como o Brasil.

O mais grave, no caso brasileiro, é que o arrocho fiscal - que começou a

ser montado tão logo o Banco Central dobrou a taxa de juros para estancar a fuga de capitais - não tira o país da zona de risco. O porquê: o Brasil está vulnerável ao capital estrangeiro devido à sobrevalorização cambial, à abertura exagerada às importações e à falta de um ajuste fiscal convincente.

Resta ao país, se quiser sair realmente do atoleiro em que se meteu, construir uma estratégia de defesa da produção e do emprego,

Crise recorde no Japão atinge a Ásia

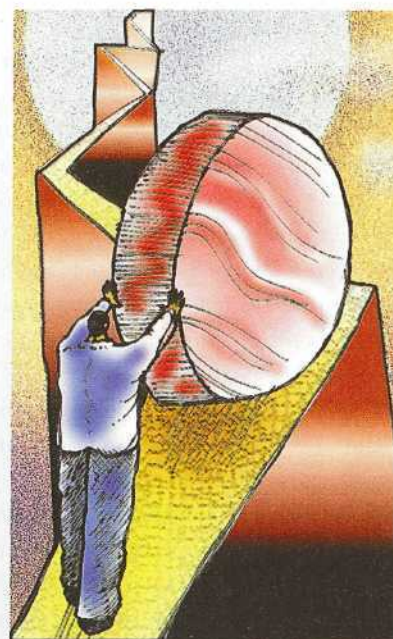
A situação dos bancos é o principal obstáculo para a recuperação econômica do Japão

Conhecido como o império do sol nascente, o Japão (a segunda maior economia do mundo) ainda não conseguiu superar a grave crise econômico-financeira na qual o país mergulhou nos últimos anos. Depois de um longo período de estagnação, a locomotiva japonesa entrou no início de 1998 na sua pior recessão em 50 anos. Essa situação tem sido agravada pelo colapso do sistema financeiro repleto de créditos duvidosos, estouro de bolhas acionárias e imobiliárias e desabamento da produção e do emprego.

Analistas internacionais aventam a possibilidade de o Japão deslizar para algo bem pior. Uma depressão, por exemplo. O risco se baseia no fato de que há 40% de chances das falências de bancos japoneses empurrarem a economia do país, de 471 trilhões de ienes ao ano, para a primeira recessão global desde 1981-82, quando a produção mundial cresceu apenas 1,5%.

Os problemas do Japão se refletem negativamente nos países do sudeste asiático. A crise financeira que irrompeu na Tailândia, em 1997, mostrou a enorme dependência dos tigres asiáticos em relação à economia japonesa. Tanto que a desaceleração do iene provocou sobrevalorização das moedas asiáticas, indexadas ao dólar.

A situação dos bancos é considerada hoje o principal obstáculo para a recuperação econômica do Japão. Desde a Segunda Guerra Mundial, o setor bancário do país vem sendo monitorado pelo Ministério das



Finanças (uma das pérolas da poderosa burocracia japonesa). A política adotada nas últimas quatro décadas garantiu o crédito bancário pela propriedade imobiliária e não pelo potencial ou pelo rendimento das empresas. Resultado: com a queda dos preços imobiliários e o colapso da bolha econômica nos primeiros anos da década de 90, os bancos japoneses acumularam dívidas podres.

Para sanear o sistema financeiro, governo e oposição japonesas firmaram recente acordo pelo qual o Long Term Credit Bank (o maior banco do país e com dificuldades financeiras) será estatizado. O acordo proíbe o uso indiscriminado de dinheiro público, como queria o governo, para salvar bancos privados falidos.

6



Poder de Estados e de empresas, 1994

País ou empresa	PIB total ou vendas de empresas
Indonésia	174,6
General Motors	168,8
Turquia	149,8
Dinamarca	146,1
Ford	137,1
África do Sul	123,3
Toyota	111,1
Exxon	110,0
Royal Dutch/Shell	109,8
Noruega	109,6
Polônia	92,8
Portugal	91,6
IBM	72,0
Maiásia	68,5
Venezuela	59,0
Paquistão	57,1
Unilever	49,7
Nestlé	47,8
Sony	47,6
Egito	43,9
Nigéria	30,4
Cinco maiores empresas	871,4
Países menos desenvolvidos	76,5
Ásia do Sul	451,3
África subsariana	246,8

Fonte: Fortune Magazine 1996.
World Bank 1995d e UNRISD 1995

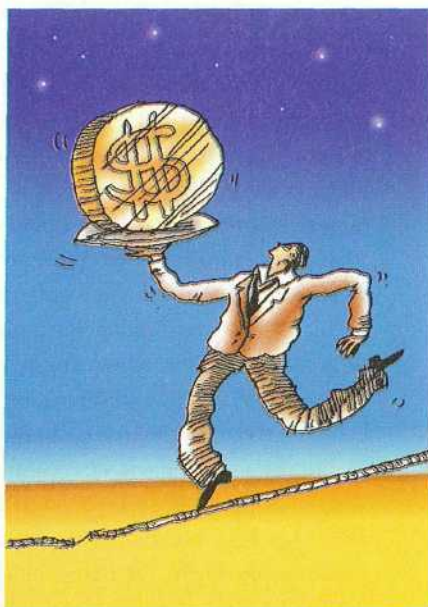
Crise no Brasil provém de política cambial

País já perdeu mais de US\$22 bilhões, como resultado da política do governo FHC

O Brasil por um fio. A grave crise que atinge as bolsas de valores em todo o mundo soou como um sinal de alerta para a economia brasileira e mostrou a fragilidade da política do governo Fernando Henrique Cardoso de submeter o país a uma abertura comercial indiscriminada e a uma dependência excessiva do capital externo especulativo. O economista e deputado Antônio Delfim Netto (PPB-SP) afirma que a crise brasileira é decorrência do erro da política cambial no início do Plano Real, quando a moeda nacional foi supervalorizada em relação ao dólar. E acrescentou: 'A política de juros altos estrangulou o crescimento brasileiro, quebrou empresas, aumentou o desemprego e inflou a dívida pública interna, inviabilizando todas as tentativas de ajuste fiscal.'

Como um cego em tiroteio, o Brasil teve como resultado dessa política a perda de mais de US\$ 22 bilhões em reservas cambiais num curto espaço de tempo, entre o final de agosto e as primeiras semanas de setembro. O equivalente a uma Telebrás sumiu pelo ralo, logo depois da moratória da Rússia decretada em agosto. Para evitar a propagação indefinida desse terremoto, segundo o economista Aloizio Mercadante, algumas das respostas do governo foram ampliar os incentivos fiscais ao capital especulativo volátil e elevar a taxa de juros para até 49,75%. "Uma medida que subordina ainda mais a economia brasileira ao cassino financeiro globalizado."

Os sinais de perigo estão em todas as



partes. O governo aposta na ajuda externa que negocia com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e os países do G-7 (grupo que reúne as nações mais ricas do mundo). O deputado José Aníbal (PSDB-SP) não crê na cantilena de que o Brasil seja a bola da vez. Ele descarta a possibilidade do país vir a entrar em recessão. "Temos uma economia estruturada e forte, que atrai investimentos. E o governo tem dado mostras repetidas de que tomará todas as medidas necessárias para resguardar a estabilidade do Plano Real", argumenta. Delfim Netto, no entanto, pensa diferente. Para ele o custo social para o Brasil sair da crise será imenso, pois "todas as medidas que conduzem ao ajuste fiscal têm cará ter recessivo: aumento de impostos, redução de gastos públicos, manutenção de altos juros e restrições às importações". O pior de tudo, segundo ele, é que o sacrifício da

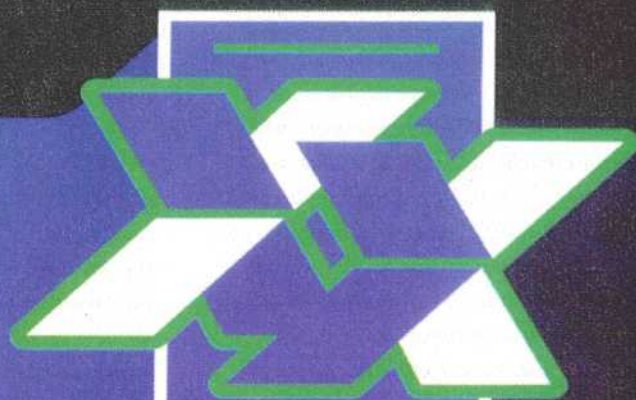
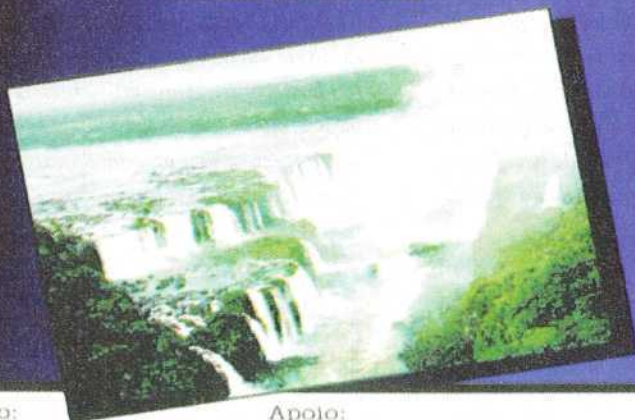
população será inútil enquanto a economia não voltar a crescer, porque déficit fiscal só é reversível com crescimento econômico e jamais com recessão.

Desde o colapso do México, em 1994, que inaugurou a atual turbulência financeira nos países emergentes, e a crise no sudeste asiático, em 1997, passando pela moratória russa, o Brasil se tornou mais vulnerável aos especuladores internacionais. Aprova dessa dependência, de acordo com analistas de mercado, é o fato do país precisar tomar dinheiro emprestado lá fora para cobrir as despesas com os gastos correntes. Só para rolar a dívida, pagar os juros e amortizar o principal, o Brasil precisa de algo em torno de US\$ 80 bilhões por ano. Parte da tormenta brasileira provém da alta dos juros que leva a uma explosão do déficit público. Durante os governos Collor e Itamar Franco, a dívida pública era de R\$ 60 bilhões. Hoje, a dívida pública é de R\$ 340 bilhões. Dolarizada, essa dívida cresce como uma bola de neve e já atinge, segundo cálculos do próprio Banco Central, 89% do volume de reservas (perto, hoje, de US\$ 50 bilhões), podendo chegar a 100% a um prazo mais curto do que se imagina. Essa radiografia da crise econômica mundial no Brasil é consequência, entre outros fatores, da relação entre o estoque da dívida pública e o volume de reservas cambiais. Pelo sim e pelo não, a bancarrota do rublo russo e as preocupações com o câmbio chinês mostram que a estabilidade do real foi construída sobre pés de barro, podendo deixar num futuro próximo a população brasileira mais pobre e sem emprego.



DE 17 A 24 DE
OUTUBRO DE 1998

HOTEL MABU
FOZ DO IGUAÇU
PARANÁ



XX SIMPÓSIO
NACIONAL DOS
**ECONOMIÁRIOS
APOSENTADOS
E PENSIONISTAS
DA CEF**

FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ
OUTUBRO DE 1998

Patrocínio:

SASSE SEGUROS

A SEGURADORA DA CRISE

Apoio:

APCEF/PR

FENAE

FENACEF

Realização:

AEA - PR

Os (bons) frutos da crise

■ Aloysio Biondi

Clavo que a crise brasileira, a falta de dólares, a quebra do país nunca precisariam ter acontecido. Há não mais de quatro ou cinco anos, o Brasil apresentava excelentes saldos positivos em sua balança comercial, isto é, exportava mais do que importava. Sobravam, todos os anos, mais de US\$ 10 bilhões. Claro que o escancaramento do mercado às importações, além de destruir milhões de empregos e milhares de empresas, nunca deveria ter acontecido - pois transformou aquele saldo positivo, aquela sobra de dólares, em rombos que o governo procurou cobrir atraindo dólares às custas de juros incriveis - que quebraram o Tesouro. Foram quatro anos de política econômica de terra arrasada, que inevitavelmente, ou matematicamente, levaria o país à falência - mesmo que não tivesse explodido a crise asiática 2. (Em outro país, de opinião pública melhor abastecida de informações, dificilmente os responsáveis por esses desastres ficariam imunes à condenação, ao menos moral, por seus atos.) Agora que o desastre chegou, com pacotes e tudo o que se conhece, resta como consolo a percepção de que, graças a mudanças que estão ocorrendo no mundo, a sociedade brasileira ganhou a possibilidade de enfrentar um período de dificuldades não tão longo quanto se poderia temer, e com sacrifícios menos terríveis (mas ainda assim terríveis) quanto os previsíveis. Que mudanças mundiais são essas? Pode-se sintetizá-las em uma única expressão: o mundo está diante da maré vazante da onda neoliberal, que impôs políticas suicidas ao Brasil e outros países em desenvolvimento. A história da humanidade está encerrando um ciclo, do chamado neoliberalismo, que con-

duziu o planeta a catástrofes das quais a exclusão de milhões de pessoas é a mais grave.

Debate aberto

O neoliberalismo prega que é preciso deixar os mercados totalmente livres, para que a economia se desenvolva com perfeição, sem distorções provocadas pelos controles do Estado. A quebra dos tigres asiáticos, os sucessivos terremotos nos mercados financeiros internacionais, colocaram os dogmas neoliberais em ataque. Mais ainda: surgiram críticas, tímidas no começo, mas cada vez mais frequentes nos últimos meses, contra os remédios burros contra a crise, impostos pela cartilha do FMI aos países quebrados. Ao obrigá-los a adotar política de juros altos na tentativa de atrair capitais, o FMI apenas multiplicava os problemas: empresas não conseguiam pagar dívidas, e por isso os bancos quebravam, a moeda se desvaloriza ainda mais, os capitais estrangeiros evaporavam. A recessão e o desemprego se alastravam. Tudo, óbvio. Mas estupidamente implantado no mundo como quintessência do saber neoliberal. Talvez encorajados pelas críticas ao FMI, coube a países asiáticos, inicialmente, e depois aos latino-americanos (Chile, Equador e Venezuela), romper com os dogmas neoliberais: em lugar de juros altos para atrair dólares, partiram para o restabelecimento de algumas formas de controle para disciplinar a entrada e saída de dólares em sua economia. Controles de Estado, que a onda neoliberal havia varrido do mapa.

Sorte do Brasil

O Brasil estava quebrado desde abril/maio, quando o capital estrangeiro já começara a fugir das bolsas - e, logo depois,

o governo passou pelo vexame de não conseguir vender seus títulos, sendo obrigado a ressuscitar a correção monetária, com a oferta de juros pós-fixados para não ser forçado a declarar-se em moratória, sem dinheiro para quitar compromissos. Por sorte, a agonia do Brasil chegou até agosto/setembro - pois, aí, encontrou esse quadro novo, de rachaduras na unanimidade em torno das teses neoliberais. Por isso, pode voltar a estabelecer controle sobre as importações - um átimo fruto da crise, pois permitirá o renascimento de empresas e empregos destruídos pelo escancaramento. Com isso, haverá menos rombo e menos necessidade de atrair dólares, possibilitando também a redução dos juros, vale dizer: haverá menos recessão e o "ajuste" das contas do governo poderá ser mais rápido e menos doloroso (mas sempre doloroso) do que ocorreria com o modelo mantido anteriormente pelo FMI. E a crise mundial, não vai atrapalhar esse ritmo de recuperação? É preciso que se saiba que os tigres asiáticos já reequilibraram sua balança comercial, estão exportando mais do que importam - isto é, não estão mais quebrados. E que a Europa vai bem, obrigado. A Rússia? Os preços do petróleo, que haviam caído e contribuído para o impasse russo, tiveram forte recuperação em setembro, e deverão minorar as dificuldades russas. Com problemas, daqui para a frente, estarão os EUA - que conseguiram imensa prosperidade nos últimos anos às custas de escancarar os mercados de outros países.

Aloysio Biondi,

jornalista 


 Parece que foi ontem

Está registrado no "Diário do Congresso Nacional" (pág. 9.455) uma declaração do então deputado Ruy Brito (PMDB-SP), de seis de outubro de 1977. Ei-la: "Eu mesmo denunciei, com provas muito sólidas, irregularidades na Previdência Social. Em vez de apurarem as irregularidades que eu havia denunciado, procuraram saber como é que eu tinha obtido documentação que havia instruído o processo, numa tática diversio-nista que bem encobre os intuitos criminosos desse grupo de tecnocratas, contra o qual o

governo tem que adotar urgentes e imediatas providências, sob pena também de se comprometer perante a opinião pública como conivente com a sua política, que está destruindo e desmoralizando a Previdência Social brasileira, e agora investe contra as caixas de Previdência privada (dos funcionários das estatais)".

Crise internacional?

Com o argumento de que a crise é "internacional", o atual Congresso está sendo chamado pelo governo FHC para ser co-responsável pelas novas medidas fiscais. No cardápio: reforma da Previdência, e mendo fiscal e demissão de funcionários públicos. Como se vê, mesmo com uma fachada cosmopolita e com um Congresso em fim de feira, quem paga a conta são os "caipiras".

Quorum alto na (re) eleição

O nosso Poder Legislativo federal, representado bicameralmente pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, está atraindo mais os políticos do que em outras eleições. Apenas 5% dos deputados (26) desistiram de disputar qualquer eleição, sendo este o menor número registrado até hoje.

Segundo o Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar (Diap), dos 513 deputados federais, 443 (88%) buscaram a renovação do mandato, 17 concorreram a uma vaga no Senado, 12 foram candidatos a vice-governador, sete a governador, seis a deputado estadual e dois a suplente de senador.

Medidas permanentes

O atual governo brasileiro gosta de bater recordes. O maior desemprego de todos os tempos, os juros mais altos do mundo, o maior déficit da nossa história... Mas, em se tratando de recordes, nenhum se compara ao das medidas provisórias. No final de setembro, eram mais de 60 MPs, algumas delas reeditadas mais de 50 vezes, como a MP 1697-57, com 57 reedições. Fica, dessa forma, evidente como o governo federal tem sido extremamente autoritário.

A Constituição Federal, no seu artigo 62º, é clara: o presidente só pode fazer uso das MPs em caso de relevância e urgência. A Constituição diz ainda que as MPs perderão eficácia, desde a edição, se não forem convertidas em lei no prazo de 30 dias. Só que a já conhecida "criatividade" brasileira inventou a reedição. 



**Agora tem
sobrenome e marca nova:**

Esta é a nova marca da SASSE Seguros. Um novo símbolo que une profissionalismo e solidez. A partir de agora, quando você quiser fazer o melhor seguro, é só procurar por esta marca.

SASSE CAIXA
SEGUROS

Central de Atendimento:
0800-1663 8 3



**Seguro sempre
teve nome:**

SASSE SEGUROS

A SEGURADORA DA CAIXA

Aos 28 anos, a SASSE Seguros é uma das 10 maiores seguradoras do país, com mais de 3 milhões de clientes. Você encontra os produtos da SASSE em todo o Brasil. É só ir até uma agência da CAIXA. Além disso, ela oferece uma vantagem que nenhuma outra possui: a garantia da CAIXA. Tudo isso fez da SASSE Seguros um dos principais nomes do mercado de seguros. Agora, este nome mudou para melhor. Melhor para você.



Siesta

Feiçoada. Sol de 35°. Meio-dia e meia. A união destes ingredientes pede, necessariamente, um cochilo após o almoço. É a "siesta" dos países hispanos, "nap" na língua inglesa e "riposino" para os italianos. É também a sesta, que os brasileiros herdaram da colonização portuguesa, mas que anda em desuso, principalmente nas grandes cidades.

A socióloga Berenice Bento avalia que a supremacia do capitalismo acabou com este costume nas metrópoles. "O cochilo não combina com a urbanização, com a falta de tempo da cidade grande", diz ela. Berenice, mestre em sociologia, observa, no entanto, que muitas pessoas ainda têm o hábito, "mas têm vergonha de reconhecer, para não saírem do ritmo imposto pela sociedade".

Hoje, segundo ela, vigora a máxima capitalista criada, por Thomas Jefferson, de que "tempo é dinheiro". Assim, "as

Um hábito popular que desapareceu das grandes cidades

cidades vivem em função da racionalização do tempo".

Porém, basta procurar com certo cuidado para descobrir que a sesta ainda não foi posta para dormir. Em recente entrevista, o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso informou a existência de um sofá no Palácio do Planalto ao qual ele recorre, após o almoço, para dar uma cochiladinha quando não tem a agenda tomada à tarde.

Nas cidades, nada melhor, porém, que o exemplo dos trabalhadores da construção civil, citados por Berenice. É difícil encontrar exceção à sesta entre os pedreiros, que até comem muito rapidamente para dar mais tempo ao descanso.

A sesta, hoje, é interiorana por excelência. O repouso depois do almoço é até facilitado no interior, pois as pessoas

moram perto do trabalho e podem almoçar em casa. "A qualidade de vida que advém disso é, com certeza, superior, incorporando até mesmo mais expectativa de vida", acredita Berenice.

O clima exerce
influência na
formação da
sociedade

FA

Nas grandes cidades, isso não acontece. E por isso a sesta foi rotulada como elemento da preguiça, a antítese do trabalho. Para a socióloga, "o capitalista que come um sanduíche do McDonald's enquanto anda pela rua para o trabalho é socialmente valorizado".

Isso leva a um julgamento negativo de nossa vontade de, depois do almoço, cochilar para repor as energias.

Até mesmo o maior sociólogo brasileiro, Gilberto Freyre, descreveu em "Casa-grande e senzala" os efeitos do calor sobre as pessoas. Em seu livro mais famoso, que também foi o primeiro, Freyre aponta que o clima exerce influên-

cia "na formação e no desenvolvimento das sociedades", inclusive "pelos efeitos imediatos sobre o homem".

Para o sociólogo, falecido em 1987, o clima predispõe os habitantes dos países quentes e diminui sua capacidade de trabalho. No entanto, ele observa: "A importância do clima vai sendo reduzida à proporção que dele se desassociam elementos de algum modo sensíveis ao domínio ou à influência modificadora do homem".

Saúde O professor Luiz Menna-Barreto, do Departamento de Fisiologia e Biofísica da Universidade de São Paulo (USP), vai no caminho inverso ao dizer que, "embora o fundo da sesta seja biológico, certamente há fatores socioculturais envolvidos". Ele cita que os chineses também têm o mesmo hábito.

Menna-Barreto fala que a sesta faz bem à saúde, porém não em todas as pessoas. "Há pessoas que apresentam o fenô-



André Teles

Quem trabalha ao ar livre sente muito mais necessidade de repousar após o almoço, mas como isso é impossível, o jeito é apelar da forma que der

meno conhecido tecnicamente como inércia do sono, que se caracteriza por mal-estar subsequente à sesta", alerta o doutor da USE. No entanto, "não existe ainda explicação convincente para essas diferenças entre indivíduos".

Menna-Barreto é um estudioso da cronobiologia, ciência que estuda exatamente os ritmos biológicos. No ciclo normal do sono de uma pessoa, o professor identifica duas "portas" de sono - a principal, à noite, e também uma no início da tarde. "As portas são definidas por aumento da sonolência e da probabilidade de iniciar o sono nesses horários", explica ele.

Para satisfazer essa necessidade biológica entre os brasileiros, que praticamente abandonaram o hábito, Menna-Barreto sugere que se abra a possibilidade de "cochilos em ambientes de trabalho para quem se sente melhor com isso". Ele também alerta que "o desempenho humano sofre muito com a sonolência e, eventualmente, as consequências de erros podem ser graves".

Já as pesquisadoras Ruth Lass e Therezinha Moreira Leite, também da Universidade de São Paulo, na Faculdade

de Saúde Pública, verificaram aspectos psicológicos das alterações no padrão de sono ao longo do crescimento das crianças, incluindo o abandono da sesta e a necessidade de companhia para adormecer. Um bebê pode dormir até 18 horas por dia graças à satisfação das suas necessidades básicas - no caso, a amamentação. Quanto mais necessidades não-satisfeitas, menos tempo de sono a criança terá.

Através de questionários com dezenas de pais, as pesquisadoras descobriram que

a sesta foi abandonada por 50% das crianças até três anos e meio e pela maior parte das crianças até cinco anos e meio. Segundo as pesquisadoras, a sesta é deixada de lado a partir de um ano e meio de vida, mas principalmente entre dois e três anos. Entre os motivos apontados para esta mudança está a entrada na escola.

Hábito

Antes de vir para o Brasil, o chileno Jaime Fuentes Uribe tinha o costume de dormir depois do almoço em sua cidade. Ele é de Rancagua, no centro do país, cidade com 300 mil habitantes ao lado da capital, Santiago. No Brasil há três anos, Uribe diz

não ter mais tempo para dar uma cochiladinha, a não ser no final de semana.

"Lá no Chile, todo mundo que tem tempo procura fazer a sesta", diz ele, acrescentando que o hábito é mais comum "entre os velhos e as pessoas que não trabalham".

Já a estudante equatoriana Sthenny Perdomo não concorda com seu amigo Uribe. Segundo ela, o costume não é restrito aos idosos e pessoas sem ocupação. Há quatro anos em Brasília, mesmo quando morava em Esmeraldas, cidade do litoral norte do Equador, Sthenny não tinha o hábito que seus pais cultivavam religiosamente. "É um costume antigo, mas tenho muitos amigos que fazem a sesta", fala a estudante.

Sthenny diz que um dos principais motivos para que não tenha o hábito é puramente estético.

Até as crianças
abandonaram
a siesta, dizem
as pesquisas

FA



Seu pai, médico, diz que comer e dormir em seguida engorda. Sem preocupações com a balança, seus pais não trabalham antes da sesta. Ela conta ainda que nem todas as cidades do Equador mantêm o costume - depende do clima da região.

A sesta é ostensivamente praticada na Bolívia, onde o comércio chega a parar para que todos tenham a oportunidade de dormir. O boliviano René Federico Peinado Cuellar fala que as farmácias de sua cidade, Santa Cruz de la Sierra, trabalham em esquema de plantão no início da tarde.

Os bolivianos criaram também o café da sesta. Logo depois do cochilo, há um novo intervalo no trabalho movido a café, torradas, pão de queijo e pamonha. Isto sem contar que o comércio abre mais tarde que o normal em outros países e fecha por volta das seis horas da tarde.

René Cuellar não é fã da sesta. "Com a globalização e o aumento da competição, é necessário aproveitar melhor o tempo", afirma ele. O governo boliviano pensou da mesma forma quando, em 1985, promoveu uma reforma no calendário, extinguindo diversos feriados nacionais por razões econômicas.

Se já não fazia a sesta sem remorso na sua cidade, uma das maiores da Bolívia, Cuellar abandonou de vez o hábito quando veio para o Brasil, há cinco anos. "Na verdade eu não me sentia muito bem nem fisicamente, porque continuava com sono ao invés de ganhar energia", acrescenta.

Apesar de existir em todo o território, a sesta boliviana não pode ser creditada ao clima, segundo Cuellar, mas a fafores culturais. Na capital administrati-

va, La Paz (Sucre é a capital legal), a temperatura média atinge 15°. Em Cochabamba, no centro do país, a média oscila entre 15° e 20°. Santa Cruz, a cidade mais quente, está 10 pontos acima, além de ter uma umidade muito alta. "A tendência, mesmo biológica, é dar uma cochiladinha", reconhece ele.

Por ser contra a "siesta" em seu país, Cuellar não defende a sesta no Brasil. Mas aceita que se trabalhasse até mais tarde para compensar a parada após o almoço.

Mundial

Mas não são apenas os países ibéricos ou latino-americanos que mantêm o hábito. Em muitos países da Europa a sesta é mais comum do que se imagina, principalmente nas regiões mais quentes. Na Grécia, por exemplo, é até pouco educado visitar alguém durante a pausa da tarde. Na Itália há vários nomes, como "reposino" ou "dormentina", para designar o mesmo descanso após o almoço, comum no interior.

Na África, a sesta também é muito comum. O estudante Bamba-Souali Haud, da Costa do Marfim, conta que todo o comércio e os serviços param após o meio-dia para voltar depois das três horas. Haud foi de Abidjan, capital do país, para Brasília, há três anos. E perdeu o hábito,

Até a preguiça já foi objeto de polêmica na esquerda

O professor Jaime de Almeida, da área de pós-graduação da Universidade de Brasília (UnB), informa que a preguiça foi objeto até mesmo de discussão ideológica na esquerda remota. Paul Lassargue, genro de Karl Marx e cubano de nascimento, escreveu o panfleto "O direto à preguiça", no qual até zombava de certos valores agregados ao trabalho. Marx não gostou muito da teoria de seu genro.

Sobre a sesta, Almeida conta que o costume é mais comum na Espanha, mas que existiu em Portugal. Veio da península Ibérica para a América Latina e, durante o período colonial brasileiro, era tão comum quanto países colonizados pela Espanha. "Mas sobreviveu até mais recentemente, como comprova o costume ainda existente com muita força no interior", diz o professor.

Tanto em português quanto em espanhol a palavra sesta tem a mesma origem. O latim sexta (sextus), que significa a sexta hora do dia contada a partir das seis da manhã, batizou o costume nas duas línguas.

Correspondente ao meio-dia, a hora sexta geralmente também era, para os romanos, "a hora de máximo calor". Para os etimologistas espanhóis, a sesta virou "o sono que se toma depois de comer", sinônimo também adotado por Aurélio Buarque em seu dicionário. Mas o maior dicionarista brasileiro também consagra sesta como "a hora de calor mais intenso", chamada ainda de meridiana.



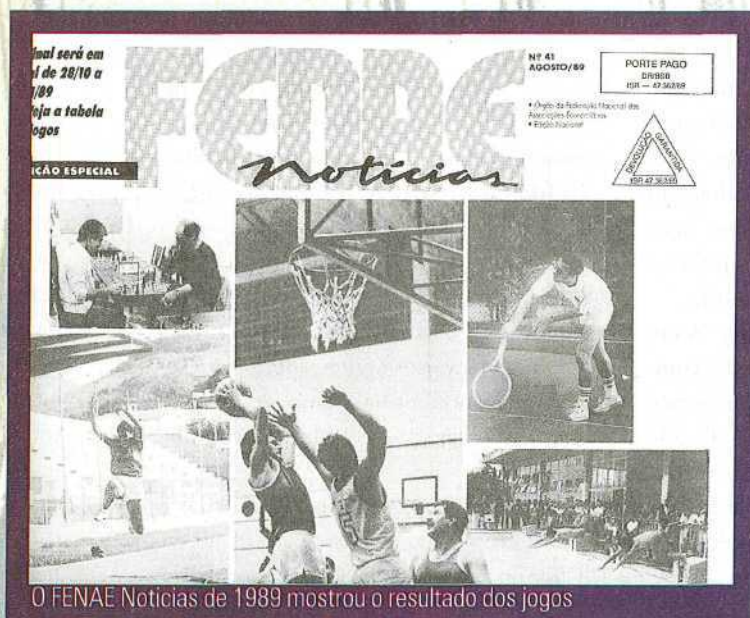
Há 28 anos...



II Jogos da FENAE em destaque

Edição especial do FENAE Notícias, de agosto de 1989, traz os resultados da fase eliminatória dos II Jogos da FENAE. Divididos por regiões, os estados buscavam classificação para a fase final do evento, que aconteceria em Natal (RN), entre os dias 29 de outubro e quatro de novembro do mesmo ano.

Os destaques nas eliminatórias foram as delegações do Paraná, Distrito Federal, Paraíba, Amazonas e Mato



Grosso. Na criave que contou com o Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, cada uma das delegações ganhou sete das 21 modalidades em disputa.

Já na fase final, os brasilienses ficaram com a maioria das medalhas de ouro, quatro no total. Já o Paraná conquistou o máximo em medalhas, com três de ouro, duas de prata e três de bronze.; Em seguida, veio o Rio de Janeiro, com três medalhas de ouro e três de bronze.

NOSSOS PERSONAGENS

O "Cavaleiro da Esperança" faz parte da história

Ícone maior do comunismo brasileiro, Luís Carlos Prestes liderou um dos maiores movimentos contra o governo de Artur Bernardes na chamada República Velha. Prestes foi um dos cabeças do movimento tenentista que, em 1924, tentou derrubar o regime. Sem sucesso, liderou a coluna que depois levaria seu nome.

Cerca de 1.500 homens, sempre perseguidos pelas tropas federais, foram do Mato Grosso do Sul ao Maranhão, passaram pelo Nordeste e Minas Gerais até refazerem o caminho de volta, indo até a Bolívia em 1927. Além do Exército, a Coluna Prestes enfrentou as polícias esta-

duais e bandos de jagunços recrutados por coronéis.

Os 25 mil quilômetros percorridos pela coluna não conseguiram derrubar o regime, mas reforçaram a crítica do movimento tenentista às oligarquias. Após sua entrada no Partido Comunista Brasileiro e participação na Intentona Comunista, em 1935, Prestes passa a ser figura obrigatória no cenário político nacional por pelo



menos três décadas.

Com a ilegalidade do PCB, decretada em 1947, Luís Carlos Prestes saiu do país, retornando apenas com a anistia. Após sua morte, em 1990, passou a ser reconhecido até mesmo pelo Exército, que promoveu-o postumamente a coronel.

Sua primeira mulher, Olga Benário, foi extraditada pelo governo de Getúlio Vargas para a Alemanha e executada pelo Exército alemão no campo de concentração de Bernburg.

Emoção e liberdade

Poera, mato, velocidade e muita disposição marcam o enduro, um esporte que conquista cada vez mais adeptos no Brasil, depois de ter conquistado o mundo

Adrenalina pura. Grande sensação de liberdade, de paz interior e equilíbrio emocional diante de obstáculos.

Garra e ousadia na superação de limites. Interação com a natureza, emoção de desbravador na descoberta de lugares que ninguém viu e no contato com comunidades isoladas. Domínio da máquina, brisa no rosto, alma solta...

Tudo isso e muito mais! Parecem ilimitadas as marcas da aventura sobre duas rodas nas provas de enduro em motocicletas, um esporte praticado mundialmente e que penetra na veia de mais e mais pessoas Brasil afora, como no caso do bancário da Caixa, Paulo Wilson de Araújo, gerente na agência do Guará (DF). Casado, 33 anos, pai de três filhos, Paulo tem nove anos de CEF e pratica enduro há quatro. E, inclusive, membro da diretoria do Brasília Trail Clube, que tem como presidente Carlos Senise Júnior, o



Carlão, quinto melhor brasileiro no último Rally Internacional dos Sertões (segundo lugar na categoria produção e décimo na geral).

Paulo Wilson conta que quem começa a praticar enduro dificilmente pára, "vira cachaca". Mas uma cachaca que, ao contrário daquela que matou o guarda, só traz benefícios para o corpo e a mente. "É esporte com terapia", diz ele. O perfil de quem vive buscando emoção sobre duas rodas é o de profissionais liberais, funcionários com situação solidificada em suas empresas, pequenos e médios empresários. Normalmente já alcançaram boa estabilidade financeira e são casados.

A moto ideal para o enduro é importada e custa, no mínimo, US\$ 10 mil. A Husqvarna de Paulo Wilson, por exemplo, está na faixa de US\$ 13 mil dólares. Carlão teve um gasto próxi-

mo de R\$ 25 mil para participar do Rally Internacional dos Sertões - moto de cerca de R\$ 15 mil, mais R\$ 10 mil em outros custos. Em se tratando de motos nacionais, o preço é de R\$ 4 mil a R\$5 mil.

As máquinas podem ser tanto de quatro como de dois tempos. Em Minas Gerais, os chamados "treieiros" preferem as primeiras, já os brasilienses usam mais as últimas. Não há uma justificativa para essa diferença de gosto, é só mais uma das particularidades que evoluem os enduros de diversos pontos do país.

No Brasil, o mais comum é o enduro de regularidade, um mini-Rally, com percurso de, no mínimo, 120 quilômetros. O competidor parte para a aventura com um mapa do trajeto contendo todas as partes da prova. A motocicleta é equipada com uma máquina de navegação (computador de bordo) na qual o piloto digita a planilha. Já o enduro de velocidade, com circuitos de dois mil a quatro mil metros cada volta, é bem próximo do que acontece no motocross.

Mesclando a "inteligência" do enduro de regularidade com as características do enduro de velocidade, existe o enduro FIM, uma combinação de prova especial em linha (PEL) com prova especial em circuito (PEC). É a competição-padrão da Federação Internacional de Motociclistas. E está chegando

ao Brasil, já com intensa movimentação em São Paulo, o Cross Country, cujas particularidades não o diferenciam muito do enduro FIM.

Provas

Depois do Rally Internacional dos Sertões, são consideradas as principais provas realizadas no Brasil os enduros da Independência (MG e RJ), dos Vinhedos (RS), de Ibitipoca (RJ e MG), das Montanhas (Campos do Jordão/SP) e do Descobrimento (Porto Seguro/BA). Durante o mês de setembro, a agitação e os rancos de motores ficaram por conta da Copa Alto-Paranaíba, com a primeira etapa sendo realizada em Vazante (MG) e as seguintes - também em terras mineiras - nas cidades de Patos de Minas, São Gotardo, Unaí, Araxá, Araguari, Uberlândia.

O VI Rally Internacional dos Sertões, a maior e mais importante prova de off road da América Latina, aconteceu entre os dias 22 de julho e três de agosto deste ano. Percorrendo um total de cinco mil quilômetros, divididos em 11 dias de competição, o rally atravessou oito estados - São Paulo, Minas, Goiás, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. Na categoria

motocicleta, sagraram-se campeões o austríaco Kinigardener, primeiro lugar, Jucá Bala, de São Roque (SP), em segundo, e Cario de Gavarro, do Chile, em terceiro lugar.

O roteiro deste ano juntou o que de melhor houve nas edições anteriores. Os testes especiais foram mais longos, com os pilotos sendo testados ao extremo. Seguiu-se também a estratégia de

se estabelecer contato com culturas diferentes, passando por locais em que a natureza

revela toda a sua exuberância.

O Rally dos Sertões teve início em 1993, com largada em Campos do Jordão (SP) e encerramento em Natal (RN). O vencedor foi o piloto Jucá Bala. A primeira participação de uma mulher na competição deu-se este ano, com a paulista Moara Sacilotti, de 18 anos.

Entre os dias cinco e sete de setembro, foi realizado também o 16º Enduro da Independência. Largando de São Lourenço, os 320 pilotos pas-

saram por cidades como Barbacena e Ouro Preto e aceleraram rumo ao encerramento em Belo Horizonte. Ao todo foram 700 quilômetros de estradas de terra, calçamento e asfalto.

Pela primeira vez na história do Enduro da Independência, o vencedor não foi de Minas Gerais. O catarinense Dario Schrull conseguiu quebrar a supremacia dos mineiros registrada nas 15 primeiras edições da prova. A competição contou com a participação de pilotos chilenos, argentinos, uruguaios e norte-americanos. O paulista Carlos



O enduro conquista cada vez mais adeptos. As mulheres também já aderiram ao esporte, mostrando

O Enduro da Independência é o mais famoso do país





Claus C. Meyer/Câmara Trás

terra e poeira fazem bem à cabeça de todos

Fuser Costa manteve a tradição participando pela 16ª vez do evento.

Este ano foi criada a categoria especial pais e filhos, a única a correr em dupla no Enduro da Independência.

Retomada

O Brasília Trail Clube promete para o próximo ano a retomada do enduro da República, uma tradicional prova do Centro-Oeste, que vai do Distrito Federal a Goiânia, passando por Pirenópolis e Anápolis, em Goiás. Sua nova diretoria pensa ainda em realizar outras duas copas em 99, uma de regularidade e outra de velocidade. O diretor Paulo Wilson diz que "a intenção é atender a todos, pois há os que gostam de uma modalidade e os que gostam de outra".

O Trail Clube foi criado há 15 anos e ultimamente não se encontrava em plena atividade. Mas o trabalho para reunir a tribo de loucos por motocicleta já começa a surtir efeito: cerca de 90 pessoas já se associaram. Os motociclistas de Brasília se reúnem uma vez por semana, normalmente às quintas-feiras, no autódromo Nelson Piquet. A galera troca ideias, ouve música e traça os roteiros de aventuras pelo país. 

Modalidade nasceu na Inglaterra

Criado no início deste século, o enduro já foi conhecido como cross country e regularitá

O nome enduro é de origem espanhola. Mas a prática desse esporte foi inicialmente denominada cross-country, quando surgiu na Inglaterra, nos primeiros anos deste século. Ao assumir características mais próximas das de hoje e com sua assimilação pelos italianos, recebeu então o nome de "regularitá". Só nos anos 80 é que a denominação enduro passou a ser adotada.

Diante da mobilidade permitida pela motocicleta, que passou a ser utilizada, inclusive, como veículo militar em substituição aos cavalos, o homem foi logo lançado ao desafio de transpor com esses veículos em duas rodas os obstáculos naturais que surgiam no caminho. O aparecimento de grupos de apaixonados por essa modalidade de esporte e a organização de competições foram desdobramentos imediatos daquela prática.

A primeira grande competição de que se tem notícia ocorreu em 1902, quando o Moto Cycle de França organizou uma Taça Internacional, com percurso de 54 quilômetros, repartido em cinco voltas. Participaram equipes de seis países - França, Inglaterra, Áustria, Hungria, Dinamarca e Alemanha -, cada uma com três pilotos.

As primeiras regras do enduro apareceram em 1904, com a criação da Federação Internacional dos Clu-

bes de Motociclismo, que viria a dar origem à FIM - Federação Internacional de Motociclismo.

O número de pilotos por equipe foi variando ao longo dos anos, até que a competição passou a ser individual, em 1968, com a criação do troféu continental, o Campeonato da Europa. Os pilotos foram agrupados em oito classes: 50cc, 75cc, 100cc, 125cc, 175cc, 250cc, 350cc e 500cc.

Dado o prestígio que alcançou, o Campeonato da Europa foi transformado em Campeonato do Mundo e disputado atualmente em seis provas de dois dias. O Campeonato da Europa de Enduro foi reservado apenas a pilotos de 23 anos, sendo disputado em quatro provas.

Nos anos 80 surgiram as rali-raides, provas de resistência e de longa duração, cuja expressão máxima é o rali Paris-Dakar. Seus vencedores são, no entanto, antigos e atuais campeões de enduro.

As características de um rali-raid permitem que os enduristas de origem se sobressaíam, pois estes estão acostumados a passar muitas horas em cima de uma moto e a lutar contra os obstáculos imprevistos pelo caminho. Possuem também grande conhecimento e habilidade no conservar e reparar suas máquinas. O enduro tornou-se, portanto, uma escola para os esportes sobre duas rodas.

Mang

A mistura de ritmos criada no R

"A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o debaixo desce"
(Chico Science - "A cidade")

O ano era 1991. Começava no Recife a invasão dos homens-caranguejo na música brasileira. Nascido e criado em bairros da periferia da capital pernambucana, o mangue beat deve sua origem à força criativa de Francisco França, menino pobre que fazia biscates e gostava de black music.

Não está reconhecendo? Francisco França é Chico Science, o alquimista que misturou guitarras e maracatu. Chico morreu aos 30 anos, em fevereiro do ano passado, às vésperas do carnaval, em acidente de automóvel. Quando se pensava que o movimento que criou cairia no ostracismo, o mangue beat permanece.

A mistura de maracatu, rock'n'roll, coco, dance music e rap exerce sobre as novas gerações o mesmo efeito que a tropicália teve no final dos anos 60. Tanto que, inclusive, os dois estilos são constantemente comparados. Há notórias semelhanças, como a síntese entre o tradicional e o moderno. Mas ambos ressaltam suas diferenças já a partir da apologia de sua origem - Recife e Salvador.

ue beat

fe tomou o país, apesar do preconceito da mídia oficial

O manguê beat não poderia ter vindo de outra cidade, como observa a jornalista Bia Abramo, de São Paulo. Chico Science e seus companheiros buscaram traçar paralelos entre a riqueza do ecossistema do manguê - comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelo movimento das marés, provocando a troca de matéria orgânica entre água doce e salgada - e a cena artística do Recife.

História

Renato L., que fez parte do movimento desde seu início, conta que Chico Science começou cedo a participar dessa cena. Ainda em 84, integrou a Legião Hip-Hop, grupo de dança do Recife.

Entre outras andanças, em 89 surgiu o grupo Lous-tal, que adicionava soul, funk e hip-hop ao rock dos anos 60. O nome da banda era uma homenagem a outra das paixões de Chico, os quadrinhos - Jacques de Loustal era quadrinista francês.

Nessas idas e vindas, Chico já começava a virar Science e andava pelas estreitas ruas de Olinda num Landau 79, para ironizar "um dos símbolos de ostentação no tempo da ditadura". Daí para o manguê beat foi um passo. Num encontro com o

bloco Lamento Negro, do subúrbio de Olinda, Chico Science começou a idealizar a interação entre a filosofia do movimento e a batida que celebrou o manguê beat.

Também não reconhece o nome Lamento Negro? Logo após a estreia, em junho de 91, o grupo já mudava o nome para Nação Zumbi. Os homens-caran-guejo invadiam a capital pernambucana e preparavam-se para o Brasil. Em 93, após o sucesso de uma excursão para São Paulo, Chico e a Nação Zumbi assinaram contrato com o selo Chãos, da Sony.

"Da lama ao caos" foi lançado em 94, ao mesmo tempo em que "Samba esquema noise", da banda mundo livre s.a. (assim mesmo, em minúsculas), outro legítimo representante do manguê beat.

Os dois álbuns lançados pelo grupo, "Da lama ao caos" e "Afrociberdelia", venderam 130 mil cópias. No começo deste ano, a Nação Zumbi lançou "CS-NZ". Se o nome do primeiro disco brincou até com

o selo que os contratou, o segundo mostrou a ideologia do manguê: Afrociberdelia é a justaposição de África com cibernética e psicodelismo. Eis as bases do manguê beat, que ainda hoje ecoa pela cidade que não pára. 

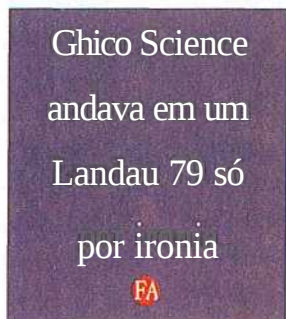
O movimento continua vivo através de várias bandas

Várias bandas mantêm viva a batida do manguê, cada uma a seu modo. Liderada por Fred Zero Quatro, outro ideólogo do movimento, a banda mundo livre s.a. é considerada a mais pop de todas. Mestre Ambrósio, do rabequista Siba, se aproxima dos ritmos tradicionais do interior pernambucano.

O grupo de Fred é sucesso de crítica, mas não de público. Já lançou o segundo disco, "Gúentando a ôia", que significa algo como "levando a vida". "O recado que queremos enviar para o mundo não é muito diferente daquele que nos mandam as comunidades indígenas de Chiapas, que têm no subcomandante Marcos seu porta-voz", diz o líder.

Mestre Ambrósio tirou seu nome de uma manifestação folclórica chamada Cavalo Marinho. Siba, codinome de Sérgio Veloso, montou a banda para "mostrar à cidade grande os vários ritmos e instrumentos presentes na cultura do interior nordestino". A banda, assim, vai mais fundo na tradição de ritmos como o forró pé-de-serra, coco e outros ritmos. O CD de estreia, independente, já esgotou e virou item de colecionador. O segundo disco, por uma grande gravadora, já previsto e adiado, deve trazer algumas regravações.

Mas há espaço no manguê beat até para o ritmo punk, com Devotos do Ódio, ou rap, com Faces do Subúrbio. Outras bandas de manguê beat são Eddie e a quilométrica Jorge Cabeleira e o Dia em que Seremos Todos Inúteis. Já a banda Cascabulho é da nova geração, atraindo jovens e velhos na mesma proporção por recriar Jackson do Pandeiro em leitura pop, no disco "Fome dá dor de cabeça". Coisas do manguê beat.



O Brasil profundo

■ Tárík de Souza

Num país contraditório como o Brasil, as principais rádios e TVs promovem o lixo cultural, a contrafação, a marca de fantasia, enquanto a verdadeira - e estimulante - criação popular é empurrada cada vez mais para os subterrâneos do mercado. Mas vale a pena pesquisar. A Funarte está reeditando através do selo 'Atração' a série de discos que fez nas décadas de 70 e 80. Na nova fornada há CDs fundamentais como o de Aracy Cones (1904-1985) que biogrfia a rainha do teatro de revista epioneira do samba-canção ("Aí ioiô", gravado em 1929 como "Linda flor Yayá"), além de pérolas do samba primitivo como "Jura", "A polícia já foi lá em casa" e "Tem francesa no morro". Em "A noite é grande", as cantoras Nora Ney e Dalva Torres e os cantores Luís Bandeira, Expedito Baracho e Claudionor Germano cantam composições do pernambucano Antônio Maria (1921-1964), co-autor dos clássicos "Valsa de uma cidade" e "Manhã de carnaval", bom de fossa ("Ninguém me ama", "Canção da volta", "Suas mãos") e frevo ("Frevo nº 1 do Recife").

O gênero é abordado num outro formato em "Choro frevado" do também pernambucano Jacaré (Antônio da Silva Torres). Além do entroncamento, sugerido pelo título de choros ("Vaie vem", "Goianinha", "Saudade de Limoeiro") e frevos ("Jacaré de saio", "Jacaré voador") este ás do cavaquinho vai de valsa ("Jactara", "Silvana") e até baião ("Galho seco"). Já "A ane da cantoria" documenta o rico tema do cangaço, abordado por repentistas como Ivanildo Vilanova e Severino Ferreira ("Eu também sou cangaceiro/ minha



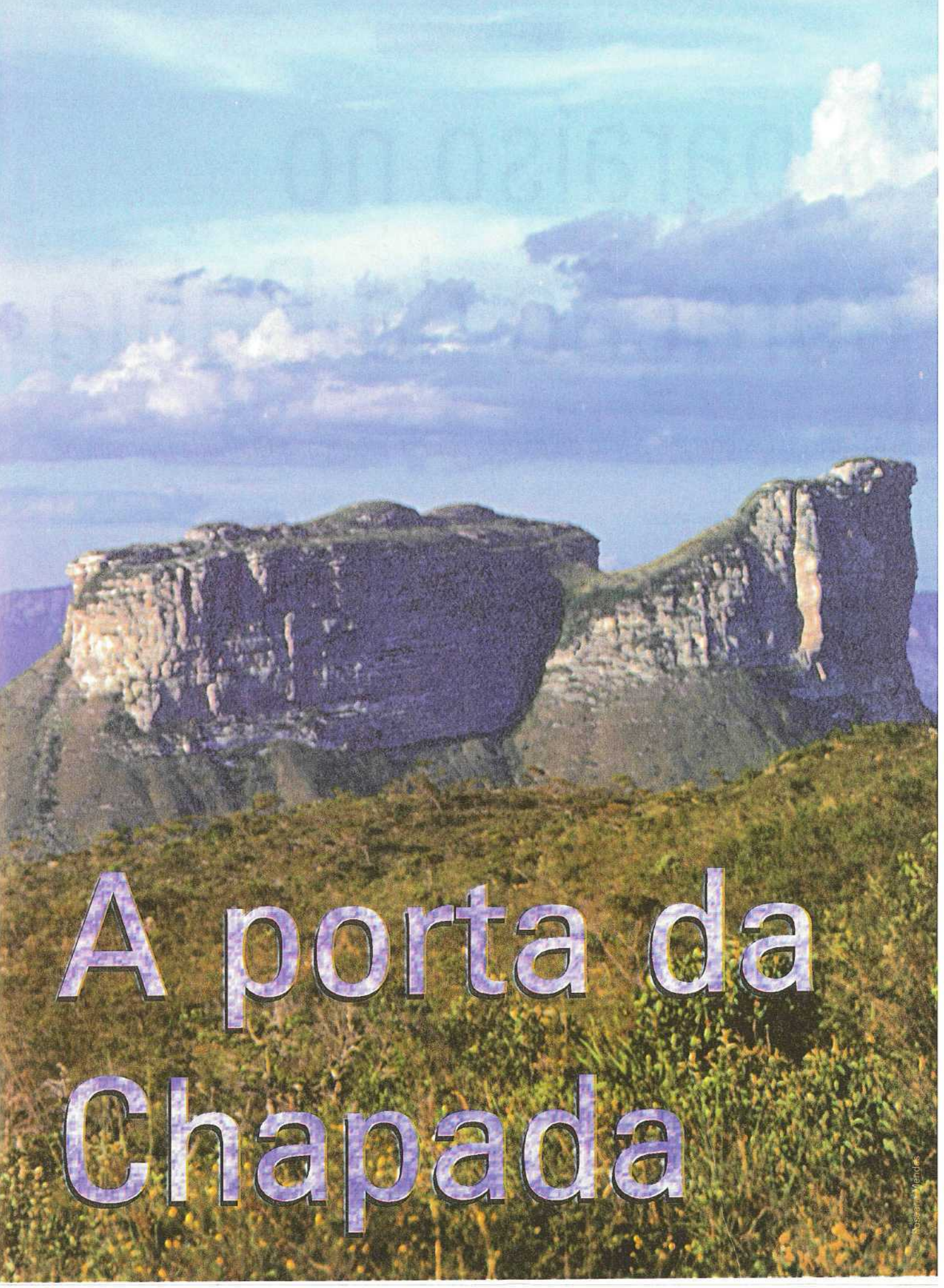
arma é a viola"), Sinésio Pereira e Antônio Aleluia ("Lampião fez muita gente/ abandonar o sertão"). O musicólogo Mário de Andrade é tema de outro disco liderado pela cantora e pesquisadora Teca Calazans, que reinterpreta seu clássico "Viola quebrada", parceria com Villa Lobos. Desfilam no disco temas de domínio público como "Romance da nau catarineta", "Dobrado da chegada", "Vinde mana", "Canto de remar". Em participações especiais, os sambistas Maninho da Vila ("A serra do rola moça") e D. Ivone Lara ("Eu rio em vez de chorar") musicaram e cantam temas de Mário de Andrade. Ainda no tema, integram este quarto lote de lançamentos dois discos da série "Documento sonoro do folclore brasileiro". No volume IV há registros de boi-de-mamão de Santa Catarina, ponteados de viola e fandango paulistas e folia de reis fluminense. Cantos de berimbau e capoeira (como Angola em roda, "São Bento pequeno",

"São Bento grande") ocupam o volume V. Também da série "Documentário sonoro do folclore" da Funarte, mas de edição atual (é o nº 48) é "Dama e fetiche: vodum, bumba-meu-boiesamba no Benim". Gravado nas cidades de Uidá e Kêtu, no Benim africano, em pesquisa de Marcos Branda Lacerda, o CD esquadrinha o fluxo e refluxo de influências musicais da ponte Brasil-África. O retorno dos escravos emancipados para seus países reembaralha a música local. Como nos cantos que compõe o burian - a burrinha - uma transposição do boi pernambucano para o outro continente.

Em outra conexão, "O sol de Oslo" (selo Pau Brasil) reúne em torno do baiano Gilberto Gil a cearense Manui Miranda, operacionista indiano Trilok Gurtu, o tecladista norueguês Bugge Wesseltoft, o acordeonista Toninho Ferregutti e o baixista e produtor Rodolfo Stroetei; ambos paulistas. De novo, a figura onipresente é a do modernista Mário de Andrade, que recolheu temas de domínio público como o coco de usina "Tatá Engenho Novo" e "Mana", misturados no disco a gêneros nordestinos nomeados em "Xote", "Onde o xaxado tá", "Ciranda além de baião" ("Eu te dei o meu anê"), repente ("Rep"), afoxé ("Oslo dum") e rojão ("17na corrente"). Com talento e vinuosismo, o grupo mostra que é possível conectar raízes e frutos híbridos sem matar a planta.

Tárík de Souza,
jornalista





A porta da Chapada

Tornar consciência das limitações da natureza em seu processo de auto-regeneração. Respeitar o meio ambiente e adotar procedimentos conservacionistas. Buscar o desenvolvimento sustentável. Estas são necessidades que têm sido ressaltadas com cada vez maior insistência por parte de estudiosos e ambientalistas das mais variadas matizes. Ganham, em verdade, contornos de palavras-de ordem, de jargões para os dias atuais.

E não era pra menos. Pois salta aos olhos o uso desregrado e muitas vezes predatório dos recursos naturais. No caso da geração de energia, por exemplo, definida como "a propriedade de um sistema produzir força, ou a capacidade que certos recursos naturais têm de gerar força", é crescente a preocupação quanto ao uso ainda tão intenso de fontes não renováveis, como é o caso do petróleo e do carvão mineral. Causa inquietação não só o fato de estes recursos caminharem inexoravelmente para o esgotamento, mas, sobretudo por serem grandes responsáveis

pelo aumento do efeito-estufa, que vem causando o aquecimento global.

O programa oficial de Racionalização de Derivados do Petróleo e do Gás Natural, chamado Conpet, diz que embora estas sejam fontes de energia não renováveis, "é ainda difícil imaginar o dia em que teremos que substituí-las por outras fontes tão baratas e práticas".

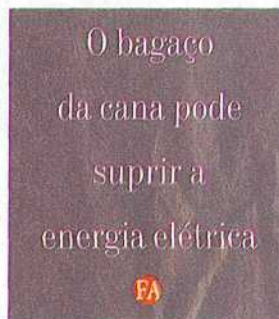
O álcool carburante é tido como combustível alternativo e renovável, com capacidade para substituir combustíveis fósseis. Há os que defendem a reativação do Proalcool, cuja tecnologia só é dominada pelo Brasil. Mas há aqueles que ressaltam os pontos negativos do programa, como o fato de a cana-de-açúcar exigir solos férteis e, assim, passar a ocupar áreas antes ocupadas para o plantio de cultivos alimentares.

Consideram ainda que a produção do álcool valia a pena na década de 80, quando o barril de petróleo custava cerca de US\$ 35 - hoje esse preço caiu para US\$ 18, enquanto o álcool está em torno de US\$ 38 - e que, com a produção de álcool subsidiada pelo governo, quem acaba pagando a

conta é o conjunto da população, sendo os usineiros os únicos beneficiados.

O senador Edson Lobão (PFL-MA), destaca, por sua vez, o que poderia ser uma outra faceta benéfica da produção de álcool: o uso do bagaço da cana na produção de energia para suprir futura carência de

energia elétrica. Segundo ele, há estudos do próprio governo demonstrando que o bagaço da cana que produz o álcool e o açúcar do país hoje já seria capaz de produzir o equivalente a 10% do total de energia produzida no Brasil.



Energia renovável, o caminho do futuro



Lençóis, outrora famosa por suas jazidas de diamantes, preserva a arquitetura histórica e um jeito calmo de ser, típico das cidades do interior

mo a palmo pelos tropeiros do ciclo do diamante.

Ali, como em muitos outros lugares da chapada, é possível encontrar algumas das incontáveis espécies vegetais que pontilham a chapada. Já a fauna, contada, pode ser assustadora: onça pintada, sussuarana, jacarés e jibóias. Mas também tem o raríssimo beija-flor-gravata-vermelha, que já havia sido considerado extinto.

Um bom descanso para tanta caminhada pode ser a cachoeira da Fumaça, a maior do Brasil, com 340 metros de altura. O nome vem do fato de que a água se esvanece antes de tocar o chão.

Mas não se pode parar muito com tantas coisas para ver. Por isso, mais caminhada. A 30 quilômetros de Lençóis está o morro do Pai Inácio, o mais famoso retrato da chapada. A subida é difícil, mas compensadora. Quem preferir, pode praticar escalada por várias vias abertas no morro - como também no monte Tabor, mais conhecido por Morrão.

O visual da Chapada Diamantina que se tem de cima do morro de Pai Inácio também não é coisa fácil de esquecer. A Fenaetur oferece pacotes de viagem para quem vai à Chapada Diamantina. O turista pode optar ainda pelo seguro FENAE Assist, que a preços módicos garante a tranquilidade da viagem. 

O mar virou sertão e criou um paraíso para o trekking meditativo

O choque de dois continentes possibilitou que rios, morros e canyons nascessem no sertão baiano

Volte coisa de 600 milhões de anos no tempo. A profecia de Antônio Conselheiro sobre o mar virar sertão é retroativa: na época em que o homem nem sonhava existir, toda a região era coberta pelo mar. A paisagem começou a se modificar com o choque de dois blocos continentais. Foi esse fenômeno que forçou a criação dos morros, canyons e rios.

Muitos e muitos anos depois, no século XIX, a região foi infestada por garimpeiros, que acreditaram no lucro de jazidas inesgotáveis de ouro e diamante, negociadas diretamente com ávidos comerciantes europeus. Cidades foram criadas, a fama da Chapada Diamantina nasceu e se espalhou. Com

ela, criaram-se lendas sobre a duração infinita de materiais tão cobiçados.

Mas o vil mineral não era eterno. Da mesma forma que atraiu conquistadores, a região foi abandonada. O garimpo, que atraiu até mesmo a sede de um consulado francês, hoje pode servir apenas na arquitetura e em inúmeras lendas do tempo dos diamantes.

Até que o turismo a redescobriu. A cada ano aumenta o número de turistas que vão à chapada em busca de caminhadas revigorantes e meditativas. Preocupados com a preservação ambiental da região, os ecologistas tiveram alento em 1985, com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, com 1.520 quilômetros quadrados.

Alternativa Há no Congresso Nacional um projeto de autoria do mesmo senador Lobão, que cria o Programa de Incentivos a Energias Renováveis (PIER), com ênfase na termosfera, fotovoltaica e eólica.

A energia solar direta pode ser obtida por captação termossolar e aplicada, sobretudo, em aquecimento de água. O Brasil tem a condição essencial para o emprego econômico da energia solar, que é um céu claro por mais de 2.500 horas por ano.

São grandes as perspectivas de utilização do sol e dos ventos em formas alternativas de produção de energia. O senador lembra que há três anos, em um encontro para definição de diretrizes para as energias alternativas, realizado em Brasília, foram definidas como metas viáveis a obtenção de 50 mega-watts de potência instalada em geração fotovoltaica, três milhões de metros quadrados de captação termossolar e 1000 mega-watts de potência instalada em geração eólica. **FA**



O carvão ainda é produzido em larga escala, apesar do prejuízo que causa a todo o meio ambiente

Conheça as diferentes formas de energia alternativa existentes

Energia solar - Sua utilização indireta dá-se através da biomassa e dos combustíveis fósseis. Seu uso direto é possível, mas ainda não é integral devido à tecnologia insatisfatória ao seu armazenamento e ao alto custo das células fotovoltaicas. Os Estados Unidos possuem a maior central autovoltáica do mundo. Outro grande produtor é o Japão.

Energia eólica - É captada através dos ventos, cujas pás são feitas de fibras de vidro, que são leves e capazes de girar com ventos de 10 metros por segundo. É condicionada à direção e velocidade dos ventos.

Energia geotérmica - É obtida do calor interno da terra (vulcões). Onde há vulcões, como na Rússia e Itália, bombeia-se água para as profundidades do subsolo em que existem câmaras magmáticas (de onde sai as lavas). Nestas câ-

maras a temperatura é muito alta, fazendo com que a água se transforme em vapor, que retorna à superfície por pressão através de tubulações, acionando turbinas em usinas geotérmicas.

Energia térmica dos oceanos - Proveniente do diferencial térmico entre as águas marítimas superficiais (mais quentes) e profundas (mais frias). Já foram obtidos sucessos em alguns experimentos.

Energia maremotriz - Em litorais onde a diferença entre a preamar (maré alta) e a baixamar for acentuada, há possibilidade de utilização do desnível entre ambas para gerar a energia das marés.

Biogás - O material biótico pode ser decomposto pela ação de bactérias, em biodigestores. O biogás pode ser usado em fogões, motores e turbinas de pequenas dimensões em áreas rurais.

O paraíso no coração da Bahia

A cidade de Lençóis é o ponto de partida para se alcançar Chapada Diamantina

O mar virou sertão. Mas esqueça tudo o que vem à mente quando se fala em sertão, pois na Chapada Diamantina o que não falta são montanhas, rios, corredeiras e grutas.

No coração da Bahia, a região forjada pela ação das águas e do vento forma belas paisagens montanhosas e rios serpenteantes. Toda essa beleza é protegida pelo Parque Nacional da Chapada Diamantina.

O melhor período para ir é o verão, quando os rios não estão tão cheios, facilitando as caminhadas. O ponto de partida dos aventureiros, geralmente, é a cidade de Lençóis, a maior da região. Lençóis também era o centro dos garimpeiros que, no século passado, foram atrás do ouro e do diamante que existiam na região. Andaraí, Mucujê, Ibicoara e Palmeiras são outras

cidades que tiveram seu apogeu durante o ciclo dos diamantes.

Vai para a Chapada Diamantina quem está disposto a andar. Muito. São quatro dezenas de opções diferentes de trilhas para escolher. Logo perto de Lençóis é difícil saber qual o caminho mais belo. Na dúvida, fique com todos.

O salão das Areias Coloridas, perto da "capital" da Chapada, faz jus ao nome. Suas areias, encontradas nas paredes da imensa gruta, são usadas para fazer as famosas garrafinhas decorativas. Para chegar ao salão é preciso passar pela ponte dos Arcos Romanos, levantada em 1860, que também leva aos Caldeirões do Serrano, nos quais diversas cachoeiras formam piscinas naturais.

Também bem próxima a Lençóis está a gruta do Lapão, maior cavema de quartzito da

América. A gruta tem 120 metros de extensão.

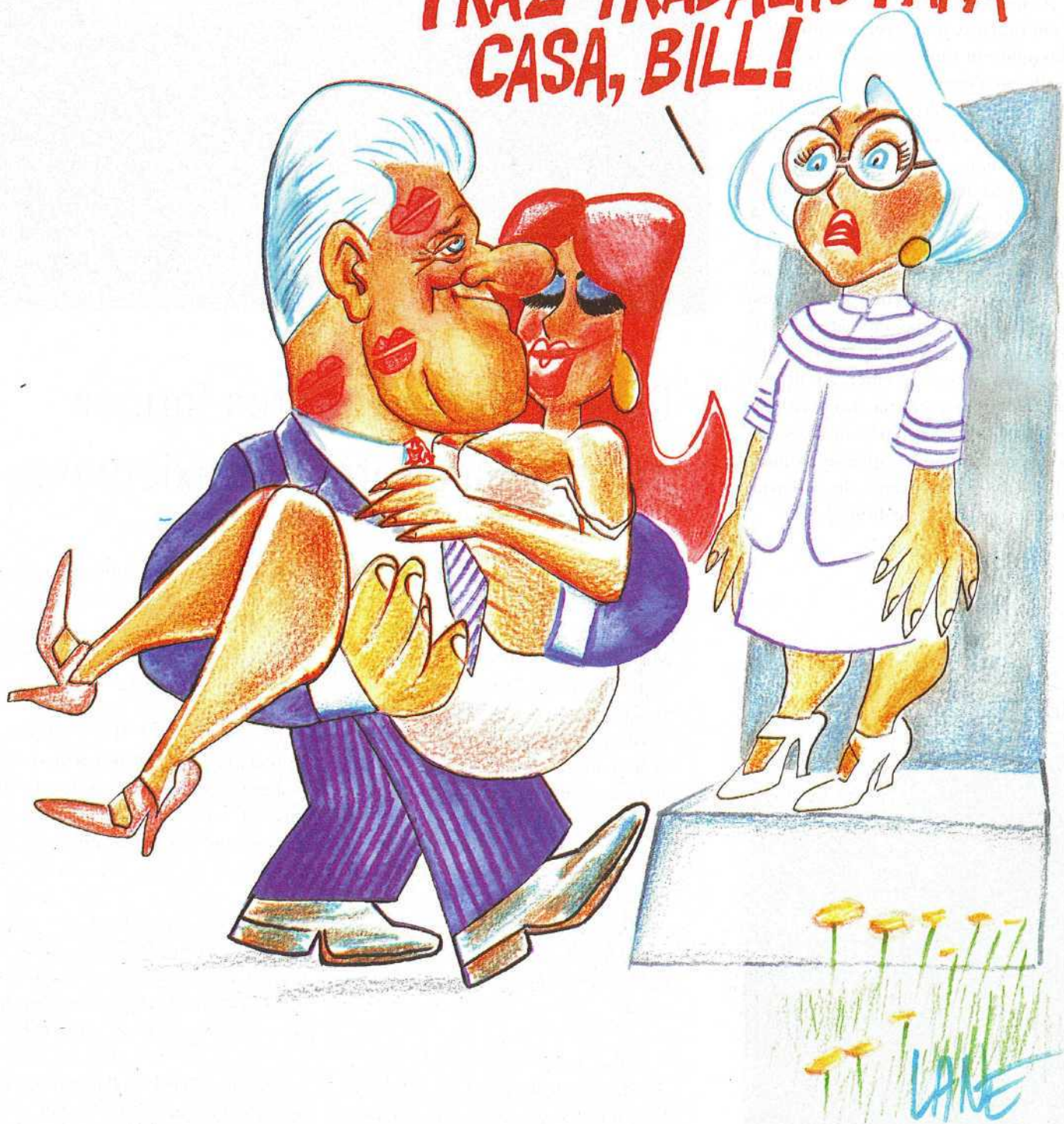
Outra gruta fantástica é a do Poço Encantado. O tal poço é um lago de 60 metros de profundidade, alcançado apenas depois de uma descida de 200 metros. Quem for à chapada entre maio e agosto pode acompanhar um espetáculo inigualável da natureza. O sol penetra pelas frestas da cavema e faz as águas refletirem-se nas paredes. Inesquecível.

Mas a maior cavema, entre as famosas da chapada, é a Lapa Doce. A 50 quilômetros de Lençóis, a gruta tem 40 metros de largura e um quilômetro de extensão.

As quase intermináveis caminhadas levam até o vale do Pati, um canyon por onde passam rios pontilhados de corredeiras e quedas d'água. A trilha deste vale tem 50 quilômetros de extensão, abertos pai-



**ODEIO QUANDO VOCÊ
TRAZ TRABALHO PARA
CASA, BILL!**





só o tempo
mostro
o que é seguro.





FENAETUR

Sua viagem na melhor companhia

Chapada Diamantina

Lençóis
4 DIAS



- 03 noites de hospedagem com café da manhã
- Translados de chegada e saída
- Seguro Viagem

HOTEL

	IND	DBL	TPL
Portal dos Lençóis	710	391	364
Pousada Lençóis	581	337	319
Pousada Canto das Águas	538	317	300

* Preços por pessoa em R\$ (reais) sujeitos a reajuste sem prévio aviso, válidos para saídas até 20/12/98, exceto feriados e datas especiais

fenaetur@fenae.org.br

Belém (091) 224-2096 / Belo Horizonte (031) 201-4196 / Brasília (061) 226-8821 / Fortaleza (085) 261-7700
Recife (081) 465-3061 / Rio de Janeiro (021) 509-3462 / São Paulo (011) 257-2211 / Salvador (071) 340-6856
DESVIAIS LOCALIDADES CENTRAL RESERVAS BRASIL TOOL FAX 0800 614060